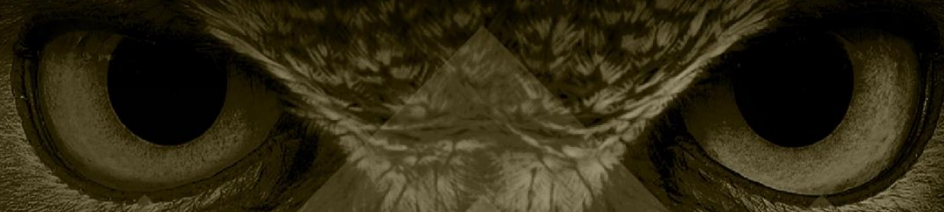


CURSO INTENSIVO 2022



Literatura

ITA - 2022

**Modernismo de 45 e Literatura
Contemporânea**

Profª. Celina Gil



Sumário

APRESENTAÇÃO	3
1 - MODERNISMO DE 45	3
1.1 – O Brasil da época	3
1.2- Principais Autores	4
2- LITERATURA CONTEMPORÂNEA	9
3 – MÚSICA	15
4 – EXERCÍCIOS	18
4.3 - Exercícios	18
4.2 – Gabarito	39
4.3 - Exercícios comentados	40
5 – REFERÊNCIAS	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67

Apresentação

Olá! Hoje veremos os seguintes movimentos:

AULA 05 – Modernismo de 45 e Literatura contemporânea

- Principais autores e suas obras

Vamos lá?

1 - Modernismo de 45

1.1 – O Brasil da época

A terceira geração modernista se inicia junto com o **fim da Segunda Guerra Mundial**. Ao mesmo tempo, também vê o **início da Guerra Fria**, não conseguindo, portanto, se desvencilhar por completo do sentimento de conflito. A discussão política entre o capitalismo e o comunismo atinge seu ponto mais alto: o mundo está dividido entre dois sistemas políticos de governo. No Brasil, o período é marcado pelo **fim da Era Vargas**. Getúlio voltaria ao poder em 1951, mas dessa vez, eleito pelo povo. Após um governo autoritário, marcado por perseguições políticas e censura, Getúlio seria eleito democraticamente. Os escritores do período **seguem criticando a sociedade brasileira da época, e mantendo-se próximos das questões regionais**. Os escritores do período, influenciados pela forte experiência da Segunda Guerra, também se voltam para a sua subjetividade.

Convenciona-se que a terceira fase do modernismo dura até os anos 1960. Após esse período, entra em vigor a chamada literatura contemporânea.

Características

Poesia

- A poesia foi um gênero menos explorado nesse momento.
- Há preocupação principalmente com a forma poética, a estética.
- A métrica e a versificação são valorizadas.

Prosa

- Há três tipos de prosa diferentes predominantes no período.
- Prosa urbana: se passa nos espaços da cidade. Lygia Fagundes Telles é a principal escritora.
- Prosa intimista: explora temas da ordem do psicológico, do subjetivo. Pensa temas humanos e suas relações. Clarice Lispector é a grande expoente desse tipo de prosa.
- Prosa regionalista: pensa a vida no campo e no interior. Mantém ainda traços do português regional e as variantes do português. Guimarães Rosa é o principal escritor desse tipo de prosa.

Experimentações

- Diferente das gerações anteriores, a experimentação aqui não está no uso da linguagem, mas nos conteúdos abordados e no modo como são escritos.
- Há o aparecimento de textos de ficção experimental e de realismo fantástico, ou seja, textos com escrita que remete à realidade, mas tratando de assuntos da ordem do fantástico, do impossível.

Linguagem formal

- Os escritores desse período são mais próximos do academicismo.
- Utilização de uma linguagem mais objetiva e formal, com atenção à norma culta e aos usos da gramática.
- A metalinguagem é uma figura de linguagem comum.

Retorno à rigidez formal

- Os poetas da terceira geração modernista se inspiram em escolas literárias anteriores, como o simbolismo e o parnasianismo e voltam a trabalhar com rigor na forma.
- Na poesia, a métrica e a rima voltam a ser mais comuns.

1.2- Principais Autores

Clarice Lispector



Apesar de ser uma das escritoras brasileiras mais apreciadas, Clarice Lispector (1920 – 1977) não nasceu no Brasil, mas na Ucrânia. Recém-nascida, porém, veio com os pais para Maceió. Posteriormente a família mudou para Recife e, depois, para o Rio de Janeiro.

Em 1943, ingressa o curso de Direito. Na mesma época, começa a escrever seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*. O romance provocou estranhamento na crítica literária da época: ele não se enquadrava nem nos programas políticos modernistas, nem na prosa regionalista, tão popular no modernismo de 30. É também nessa época que se casa com um embaixador, experienciando viver na Europa e nos Estados Unidos.

Em 1959, retorna ao Rio de Janeiro após a separação do marido. A partir dessa época, se torna colaboradora de jornais e revistas, assinando colunas semanais. Clarice Lispector viveu até 1977, quando morreu devido a um câncer no útero.

O trabalho de Clarice é fortemente marcado por:

- Dramas existenciais;

- Elementos do dia a dia reinterpretados de maneira filosófica;
- Emprego de metáforas;
- Enredo fragmentado ou deslocamento de situações cotidianas;
- Fluxo de consciência;
- Questionamentos acerca do real;
- Reflexão acerca da ideia de culpa;
- Relações conflituosas entre bem e mal; e
- Subjetividade das personagens

Lygia Fagundes Telles

Lygia Fagundes Telles (1923 -) nasceu em São Paulo, mas passou a infância no interior do Estado. Seu pai era promotor público em uma cidade do interior e sua mãe era pianista. Posteriormente, Lygia ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, da Universidade de São Paulo, onde se formou.

Já adolescente foi incentivada a escrever. Dentre alguns de seus amigos da época figuravam Carlos Drummond de Andrade, que a incentivaram sobremaneira. Ainda assim, Lygia rejeitou um pouco essa primeira literatura, que acredita serem textos prematuros, que não precisavam ter sido escritos.



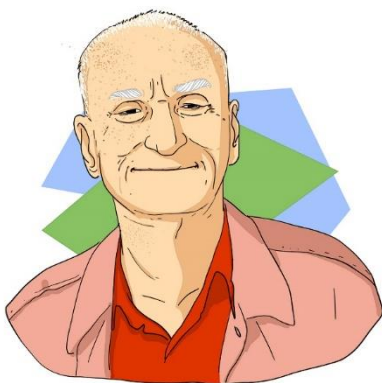
A escritora atuou concomitantemente nas letras e como Procuradora do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo – onde trabalhou até aposentar-se. Ela também presidiu a Cinemateca Brasileira – que fora fundada pelo cineasta e pesquisador Paulo Emílio com quem Lygia foi casada – e é membro da Academia Brasileira de Letras. É referida frequentemente como *a dama da literatura brasileira*.

O trabalho de Lygia é fortemente marcado por:

- Apresentação da realidade de maneira lírica, ainda que crítica;
- Aproximações com surrealismo e expressionismo na escrita;
- Atenção à realidade política de sua época;
- Engajamento social;
- Existencialismo;
- Investigação da subjetividade humana;

- Monólogos interiores e fluxos de consciência;
- Personagens principalmente femininas, marcadas tanto por reflexão quanto por fragilidades;
- Personagens masculinas remetendo a relações de poder ou status; e
- Traços de ironia.

Ariano Suassuna



Ariano Vilar Suassuna (1927 – 2014) nasceu em Nossa Senhora das Neves, cidade que hoje se chama João Pessoa (PB). Logo após seu nascimento, a família se muda para o interior do estado, no sertão nordestino, para viver na fazenda.

Quando a Revolução de 30 explode, o pai de Ariano é assassinado por motivos políticos. Após a tragédia, a família se muda para Taperoá. Foi lá que ele estudou e tomou contato pela primeira vez com o teatro mamulengo, teatro de bonecos muito ligado à comédia e ao improviso – duas características que serão muito marcantes nas obras futuras de Ariano.

É em Recife que faz seu curso de Direito e inicia sua carreira teatral, fundando o Teatro Estudante de Pernambuco. Apesar de dedicar-se à advocacia por um tempo, Ariano não deixava o teatro de lado.

Ariano só abandonaria a advocacia após a estreia de sua peça de maior projeção: O Auto da Compadecida, em 1955. Após o grande sucesso da peça, Ariano deixa a carreira de direito e passa a se dedicar à docência em Estética na Universidade Federal de Pernambuco. Nessa época, ele também fundaria o Teatro Popular do Nordeste. Sua carreira no teatro, porém, ficaria interrompida por algum tempo devido à sua dedicação à universidade.

As principais características de Ariano Suassuna são:

- Aproximação com a literatura de cordel;
- Buscar a criação erudita a partir da cultura popular;
- Formas do teatro medieval, como os autos e as farsas;
- Linguagem popular, com gírias e expressões regionais;
- Religiosidade popular;
- Teatro popular;
- Texto teatral com abertura para a improvisação;

João Cabral de Melo Neto

João Cabral de Melo Neto (1920 – 1999) nasceu em Recife, Pernambuco. O nome longo não chega a contemplar todas as relações familiares importantes do poeta: ele era primo do poeta Manuel Bandeira e do historiador Gilberto Freyre.

Passou a infância e adolescência no Pernambuco até se mudar, em 1942, para o Rio de Janeiro junto com sua família. Lá, ele trabalha como funcionário público até 1946, quando passa no concurso do Ministério de Relações Exteriores e se torna diplomata.



Seu trabalho na diplomacia possibilita que ele integre uma série de iniciativas para divulgar o Brasil no exterior. Isso também o tornará um poeta muito conhecido em todo o mundo, sendo frequentemente cotado em vida para ganhar o prêmio Nobel de literatura.

João Cabral é considerado o maior poeta brasileiro da 3ª fase do Modernismo. Sua obra, herdeira de Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, também sofre influência de alguns poetas estrangeiros como Mallarmé e Paul Valéry. Ele foi também membro da Academia Brasileira de Letras.

As principais características de João Cabral são:

- Aproximação do concreto, do material, ao mesmo tempo que se afasta do sentimentalismo;
- Forte preocupação formal;
- Inspiração surrealista;
- Investigação metalinguística acerca do fazer poético;
- Linguagem precisa, reduzida ao essencial;
- Temas nacionais; e
- Temáticas espanholas, influenciada por seu tempo como diplomata.

Ferreira Gullar

Ferreira Gullar (1930 – 2016) é o pseudônimo de José Ribamar Ferreira, menino nascido em São Luís, Maranhão, e uma família de 10 irmãos. Ele escolhe seu nome artístico a partir do sobrenome de solteira de sua mãe, Goulart. Aos 19 anos de idade, Ferreira Gullar publicaria seu primeiro livro, ainda pouco próximo do estilo que viria a desenvolver posteriormente.

Ele passa a infância e adolescência no Maranhão até mudar-se para o Rio de Janeiro em 1951. Lá, trabalha em diversas revistas e veículos de rádio. Em 1956, ele é convidado para a Exposição Nacional de Arte Concreta. Em 1959, publica o “Manifesto Neoconcreto”. Este documento, iniciaria o neoconcretismo no Brasil, movimento artístico que conta com Amílcar de Castro, Lygia Clark, Franz Weissman, entre



outros. Ferreira Gullar, porém, se afasta do movimento por começar a se envolver com uma produção artística mais engajada politicamente.

Ele ingressa na militância política através do CPC (Centro Popular de Cultura), grupo fundado em 1961, ligado a artistas e intelectuais de esquerda, cujo objetivo era criar uma arte engajada, capaz de conscientizar a população. Essa atuação o levará a ser exilado do país durante o Regime Militar. É no exílio que escreve uma das suas obras mais famosas, Poema Sujo.

As principais características de Ferreira Gullar são:

- Aproximação do pensamento existencialista;
- Exploração das palavras, tanto a partir de seu som quanto a partir de seus recursos gráficos;
- Fundação do concretismo, num primeiro momento, quebrando com concepções líricas;
- Lirismo exacerbado, negando os preceitos concretistas, posteriormente;
- Reflexão profunda acerca da existência humana.

João Guimarães Rosa



João Guimarães Rosa (1908 – 1967), mais comumente tratado apenas como Guimarães Rosa, nasceu em Cordisburgo, no interior de Minas Gerais. Guimarães Rosa tinha muita facilidade em aprender idiomas. Com 6 anos, Guimarães já havia iniciado seus estudos em Francês. Ao longo da vida, ele ainda iria aprender mais outros nove idiomas – fora alguns outros que compreendia com menor profundidade.

Aos 10 anos, mudou-se para Belo Horizonte, para a casa dos avós, onde faz sua formação escolar e, em 1925, Guimarães Rosa ingressa na Faculdade de Medicina de Minas Gerais. É também nessa época que começa a publicar contos na revista O Cruzeiro. Atuando como médico no interior de Minas Gerais, Guimarães toma ainda mais contato com a realidade do dia a dia da população sertaneja brasileira e das mazelas que atingem o sertão do Brasil.

Normalmente, os alunos tendem a associar a palavra “sertão” a “sertão nordestino”. Não é a essa região, porém, que os livros de Guimarães Rosa se referem.

A literatura de Guimarães Rosa se passa principalmente na região norte de Minas Gerais, divisa com o estado da Bahia. Essa região faz parte do chamado **Polígono da Seca**. Lembre-se disso, pois a localização geográfica interfere também no contexto histórico da obra.



Em 1934, Guimarães se torna diplomata, passando em segundo lugar no concurso do Itamarati. Ele atua como cônsul-adjunto em Hamburgo até 1942, quando ocorre o rompimento da relação entre Brasil e Alemanha motivado pela Segunda Guerra Mundial. O Brasil até então havia se mantido neutro no conflito. Depois disso, Guimarães Rosa atua em Bogotá, na Colômbia e, posteriormente, em Paris, na França, onde passa boa parte de sua vida diplomática e passa a escrever com maior assiduidade, a partir de 1946. Em 1963, Guimarães Rosa é eleito para a Academia Brasileira de Letras, tomando posse em 1967. Ele falece apenas três dias após sua posse, na cidade do Rio de Janeiro.

As principais características da literatura de Guimarães Rosa são:

- Cotidiano do sertão
- Existencialismo e reflexão psicológica
- Linguagem inovadora
- Regionalismo
- Ritmo da fala na escrita e prosa poética
- Superstição e misticismo
- Universalidade

2- Literatura Contemporânea

Chegamos agora em um dos assuntos mais difíceis de sistematizar: a literatura contemporânea. A verdade, é que não há consenso ainda sobre o que seria essa literatura contemporânea brasileira. O que vamos fazer aqui é destacar algumas **impressões** acerca da produção literária brasileira **a partir dos anos 1970**.

Alguns dados devem ser levados em consideração quando se pensa no Brasil contemporâneo:

- O Brasil passa por uma ditadura militar entre os anos de 1964 e 1985. Isso impacta o modo de produção das artes, pois era preciso lidar com a censura, tanto imposta pelo governo quanto a chamada autocensura, ou seja, os próprios artistas limitavam suas ideias para não sofrer represálias. Essa censura era muito mais **moral** do que **política**.
- Enquanto **representação política**, o homem chega na segunda metade do século XX ainda sem respostas. A desigualdade e exploração pelo trabalho da sociedade capitalista não foi eliminada; as tentativas de implantação de estados socialistas ou comunistas falharam, criando Estados com desigualdades sociais tão profundas quanto, além de um sistema burocrático que imobilizava os homens.
- A cultura de massa alcança fortemente o Brasil, impactando o modo como os artistas dialogam com as referências estrangeiras. O cinema e a televisão, principalmente americanos, passam a fazer parte do cotidiano dos brasileiros.

- Há um aceleração das informações, principalmente com a **internet**.

Tendo em mente que não seria uma tarefa fácil tentar analisar o contexto histórico e seus impactos no pensamento e produção artística contemporânea, optamos por pensar em **tendências e processos de produção da literatura do contemporâneo**. Vamos ver como tem sido essa produção da segunda metade do século XX até hoje.

Cotidiano e simplicidade

Alguns autores do contemporâneo voltam seu olhar para o cotidiano e a simplicidade. Isso pode aparecer de diversas maneiras: nas crônicas de assuntos corriqueiros ou nos textos em prosa sobre situações banais. Na poesia, o principal aparecimento está no olhar para as coisas simples. Duas poetisas que se dedicam sobre esses temas têm aparecido nos vestibulares:



Cora Coralina (1889 - 1985): Poetisa que só ingressa na vida literária aos 76 anos. Sua poética se baseia nos detalhes, escrevendo sobre o cotidiano com delicadeza. Seus poemas são muito atentos às miudezas do dia a dia. Veja um trecho do seu poema “Saber viver”:

“Não sei...
se a vida é curta
ou longa demais para nós.
Mas sei que nada do que vivemos
tem sentido,
se não tocarmos o coração das pessoas. (...)”

Adélia Prado (1935): A autora publicou seu primeiro livro aos 40 anos, tendo sido rapidamente aclamada pela crítica. Seus poemas buscam ressignificar o cotidiano, usando linguagem simples e valorizando as pequenas coisas. Veja um trecho do seu poema “A serenata”:

“Uma noite de lua pálida e gerânios
ele virá com a boca e mão incríveis
tocar flauta no jardim.
Estou no começo do meu desespero
e só vejo dois caminhos:
ou viro doida ou santa. (...)”



Cultura de massa

A literatura contemporânea é fortemente influenciada pela chamada **cultura de massa**. Chama-se de cultura de massa **os produtos da indústria cultural**, ou seja, as expressões da cultura produzidas com o intuito de serem vendidas e gerar lucro. Seu objetivo é atingir o grande público. Uma de suas principais características é ser capaz de absorver aquilo que se opõe a ela: sabe aquele programa que passa na televisão e fala mal de televisão? É isso!

As principais influências da cultura de massa na literatura partem do cinema e da televisão. Hoje em dia, é possível ouvir falar também em **cultura pop**. São expressões, portanto, intimamente ligadas à ideia de **consumo**.

No Brasil, o diálogo com a cultura de massa mais popular é a **Tropicália**, movimento musical que surge nos contextos dos festivais de música do fim dos anos 1960. Os principais integrantes foram **Caetano Veloso, Gilberto Gil, Os mutantes e Tom Zé**. Até hoje, porém, os escritores trabalham com referências a elementos da cultura pop.



Forma breve

Há um aparecimento significativo de formas literárias breves. Na prosa, isso fica demonstrado na preferência pelo conto e pela crônica; na poesia, pelos poemas curtos de poucos versos e pelo haikai.

O **haikai** é um poema de três versos em que o 1º verso possui 5 sílabas poéticas, o 2º verso possui 7 sílabas poéticas e o 3º verso possui 5 sílabas poéticas.

Ainda que os poetas desse período tenham subvertido um pouco a contagem das sílabas, convencionou-se chamar haikai os poemas de três versos produzidos no período.

Dentre os poetas que trabalham com o haikai, Alice Ruiz é a que tende a aparecer com mais frequência nos vestibulares.

Alice Ruiz (1946): Poetisa, compositora e tradutora paranaense. Desde os anos 1970, investiga a forma poética do haikai e produz muitos poemas nesse formato.



Veja abaixo um exemplo de poema seu:

“Você deixou tudo a tua cara
Só pra deixar tudo
Com cara de saudade.”

Dentre os principais representantes da prosa curta do período, encontramos:

Contos: Caio Fernando Abreu, Dalton Trevisan, Hilda Hilst e Rubem Fonseca.

Crônica: Fernando Sabino, Lya Luft, Luís Fernando Veríssimo, Millôr Fernandes e Moacyr Scliar.

Intertextualidade

Os autores contemporâneos frequentemente fazem referência a outros autores. Muitas vezes, essas referências são bastante explícitas. Noutras, nem tanto. **Tem sido muito comum em vestibulares questões que comparem poemas contemporâneos com outros que os inspiraram.** Veremos melhor esse assunto na aula 10 de nosso curso.

Veja abaixo um exemplo de intertextualidade. Um dos poemas mais conhecidos de Adélia Prado é este em que ela faz uma referência explícita a um poema de Carlos Drummond de Andrade:

Com licença poética (Adélia Prado)	Poema de Sete Faces (Carlos Drummond de Andrade)
<u>Quando nasci um anjo esbelto,</u> <u>desses que tocam trombeta, anunciou:</u> <u>vai carregar bandeira.</u> Cargo muito pesado pra mulher, esta espécie ainda envergonhada. Aceito os subterfúgios que me cabem, sem precisar mentir. Não tão feia que não possa casar, acho o Rio de Janeiro uma beleza e ora sim, ora não, creio em parto sem dor. Mas, o que sinto escrevo. Cumpro a sina. Inauguro linhagens, fundo reinos — dor não é amargura. Minha tristeza não tem pedigree, já a minha vontade de alegria, sua raiz vai ao meu mil avô. <u>Vai ser coxo na vida,</u> é maldição pra homem. Mulher é desdobrável. Eu sou.	<u>Quando nasci, um anjo torto</u> <u>Desses que vivem na sombra</u> <u>Disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida</u> As casas espiam os homens Que correm atrás de mulheres A tarde talvez fosse azul Não houvesse tantos desejos O bonde passa cheio de pernas Pernas brancas pretas amarelas Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração Porém meus olhos Não perguntam nada (...)

Além disso, há uma tendência a misturar diferentes linguagens nos textos em prosa. Há misturas entre romance e texto jornalístico, poemas em prosa, textos em prosa poética, biografias com aspectos ficcionais, contos misturados com crônicas. A **não fixação de uma forma é bastante característica da literatura contemporânea.**

Meios digitais

Mais recentemente, um elemento que tem sido importante para a escrita literária é a **internet** e os **meios digitais**. Além das referências temáticas — obras cujos assuntos se debruçam sobre o tema da

vida digital – a internet modificou a relação da literatura com o público e com a divulgação da obra literária.

A primeira década dos anos 2000 foi especialmente profícua para os **blogs**. Atualmente um pouco em desuso, os blogs eram uma espécie de diário aberto. Ali se podia produzir conteúdo escrito tanto pessoal quanto ficcional, literário. Muitos autores que hoje se dedicam à escrita de livros físicos começaram suas carreiras escrevendo em blogs nesse período.

A **linguagem da internet** também é diferente da linguagem acadêmica. Há maior liberdade formal e maior flexibilidade da norma culta, além de uma capacidade de síntese que permita que a informação seja passada rapidamente. Essas características também transbordam para a literatura contemporânea.

Memorialismo

Uma outra tendência importante do contemporâneo é a vontade de se debruçar sobre a questão da **memória**. São comuns os livros que misturam elementos ficcionais com relatos autobiográficos. Alguns autores que tinham sido exilados durante o regime militar, ao retornar para o Brasil, produziram autobiografias com traços reflexivos, revendo a sua própria história. Outro traço do memorialismo na literatura brasileira é o interesse em publicar **diários**. Por muito tempo, entendeu-se literatura como obras de ficção. No contemporâneo, os relatos pessoais, não fictícios, começam a ser vistos dessa forma também. Dois diários se tornaram muito conhecidos na literatura contemporânea:

Quarto de despejo: diário de uma favelada

O livro foi escrito por Carolina Maria de Jesus, moradora de uma favela em São Paulo. Lançado em 1960, o livro reproduz o diário de Carolina, narrando seu cotidiano vivendo na pobreza na cidade de São Paulo dos anos 1940. Como muitos diários, tem linguagem simples e marcada pela oralidade, característica acrescida pelo fato de que Carolina era uma mulher muito simples e praticamente sem escolaridade.



Feliz ano velho

Feliz ano velho é o primeiro livro de Marcelo Rubens Paiva. O livro retrata suas memórias a partir de um acidente que muda sua vida: aos vinte anos, ele sobe em uma pedra e mergulha numa lagoa, sem perceber que ela era muito rasa. O acidente faz com que ele perca os movimentos do corpo. O livro relata todo o processo de recuperação parcial do autor e dos pensamentos de um jovem que compreendia sua nova condição.

Poesia Marginal

A produção literária com viés social fica prejudicada com a censura. Foi preciso se valer de meios que driblassem a censura, então a linguagem mais metafórica e as referências indiretas acabavam sendo muito acessadas. Alguns poetas driblaram a censura de outro modo, porém: publicando e distribuindo eles próprios sua poesia. Esses são os **poetas marginais**.

mimeógrafo: é a avó da impressora. Consistia em uma máquina que copiava os textos a partir de uma matriz. Escrevia-se numa folha especial (matriz) e colocava-se essa folha num cilindro de feltro embebido em álcool. Quando em contato com uma folha em branco, o álcool transferia o conteúdo da matriz. As cópias tinham cheiro muito forte de álcool e possuíam cor azul-arroxeadada.

Os poetas marginais encontraram outros meios de distribuir sua poesia que não precisasse passar pelo crivo da censura. Assim, os autores produziam e vendiam a valores baixos revistas, folhetos, cartazes etc., sempre em pequenas tiragens. As obras eram impressas em **mimeógrafo**. Por isso, eram também chamados de **Geração Mimeógrafo**.

Os poemas eram em sua maioria **curtos**, com **referências visuais** e **linguagem coloquial**. Muitas das temáticas eram ligadas ao erotismo e ao **cotidiano** – principalmente da vida das cidades. Há também a presença de **gírias**, **palavrões** e palavras de baixo calão. Os autores mais populares da poesia marginal nos vestibulares são:



Paulo Leminski (1944 – 1989): Poeta, tradutor, crítico literário e professor, Leminski ficou conhecido por seus poemas breves, usando com frequência o haicai. Observe a experimentação formal presente em um de seus poemas mais conhecidos:

não discuto
com o destino

o que pintar
em asfalto



Ana Cristina Cesar (1952 – 1983): Poetisa, tradutora e crítica literária, Ana Cristina Cesar ficou conhecida como uma das vozes femininas mais importantes da geração. Sua poesia discute questões ligadas à feminilidade e relacionamentos. Observe um poema em prosa da autora:

noite carioca

Diálogo de surdos, não: amistoso no frio. Atravanco na contramão. Suspiros no contrafluxo. Te apresento a mulher mais discreta do mundo: essa que não tem nenhum segredo

Vozes dissonantes

Outra característica importante da literatura contemporânea é a presença **das vozes dissonantes**, ou seja, da abertura de espaço para autores com perfis que normalmente não estavam na literatura.

Você deve ter percebido que há **escritores com perfis bastante diferentes** nessa aula: homens e mulheres, negros e brancos, pessoas de origem pobre ou não... isso é um traço do contemporâneo. Há **interesse em ouvir vozes diferentes**. Se durante boa parte da história, a literatura era feita por homens de classe alta, no contemporâneo há uma maior abertura para pessoas com outras vivências.

Isso se deve também, em parte, às mudanças no modo de produção e divulgação das obras. Com o maior acesso que a internet permitiu, mais pessoas puderam produzir textos. Além disso, a internet facilita a criação de **comunidades**, espaço de interesse comum. Nas redes sociais, é possível encontrar grupos que incentivam a leitura de obras de determinados estratos sociais, o que ajuda na circulação de obras que, por vezes, não ganhavam atenção das editoras.

Ainda assim, fora do meio da internet, o perfil do escritor brasileiro é parecido ao longo de todo o período contemporâneo. Pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos em Literatura Contemporânea a UnB revelou que ainda hoje, cerca de 70% dos autores são homens e 97% são brancos¹. Isso indica que ainda que tenha havido diversificação aparente nos autores, a realidade é que as vozes dissonantes ainda estão em **grande minoria**.

¹Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/literatura/pesquisa-da-unb-perfil-do-escritor-brasileiro-nao-muda-desde-1965>> Acesso em 13 mai. 2019.

3 – Música

Por fim, vamos pensar em um último tipo de texto literário que tem aparecido no vestibular do ITA: a **música**. Daqui de onde estou, eu consigo escutar todas as dúvidas de vocês:

Música é texto literário??

Agora a gente analisa música??

Música não é pra ouvir e curtir??

Eu nunca aprendi a tocar nada, como vou analisar música??

Calma! Vamos pensar tudo isso por partes. E vamos começar do mais básico: **o que é música?**

O que é música?

A palavra “música” vem do grego *μουσική* (*mousiké*). Significa “a arte das musas”. As musas são figuras da mitologia greco-latina que se acreditava serem capazes de inspirar os homens na criação artística – e por vezes científica. A arte que misturava diversos traços das musas ficou conhecida pela palavra música.

A etimologia da palavra, porém, não responde à pergunta: como definir o que é música?

A música é uma combinação de sons e silêncios, gerando um todo de sentido. Ela é composta de três elementos:

Harmonia: é a combinação de sons e os intervalos entre eles. Se refere à organização das notas musicais. Dependendo de como elas são organizadas podem transmitir diferentes emoções, como alegria, tristeza, entre outros.

Melodia: é uma sequência de notas tocadas sucessivamente. Sabe quando você **assobia** uma canção ou **entona** seu som, sem cantar nenhuma palavra? Esse som é a melodia.

Ritmo: tem a ver com **velocidade** e **tempo**. O ritmo organiza o som num espaço de tempo: dita se uma música será mais rápida ou mais lenta, por exemplo.

Alphonse Mucha, Music. From the arts series (1898).

Para a análise literária, o mais importante são as **canções**. Uma canção é uma forma musical composta por um **texto poético** e uma **música**. A maioria dos vestibulares apresentará as letras de canções para que você interprete. A canção, portanto, é um texto com elementos **verbais e não verbais** a serem interpretados, principalmente quando aparecem canções que conhecemos, pois se torna mais difícil não ler o texto já na melodia em que ele é cantado.

Como interpretar uma canção

Podemos pensar em dois modos possíveis de interpretar uma música: **análise musical** e **crítica musical**:

Análise musical:

Se foca sobre os sons, os elementos que os compõe e as estruturas musicais. Pensa a forma e o conteúdo a partir da matéria, não da opinião pessoal.

Crítica musical:

Comentário voltado para o valor estético de uma música ou canção, ou seja, procura valorar em bom e ruim, dependendo de critérios tomados como base, que podem ser pessoais ou não.

É muito importante que você lembre dessa diferença. **Interpretar uma canção nada tem a ver com seu gosto pessoal.** Você pode encontrar letras de músicas que você não gosta na prova. É preciso que você deixe sua opinião pessoal de lado para interpretar uma canção. **Você deve fazer uma análise, não uma crítica.**

GÊNEROS MUSICAIS?

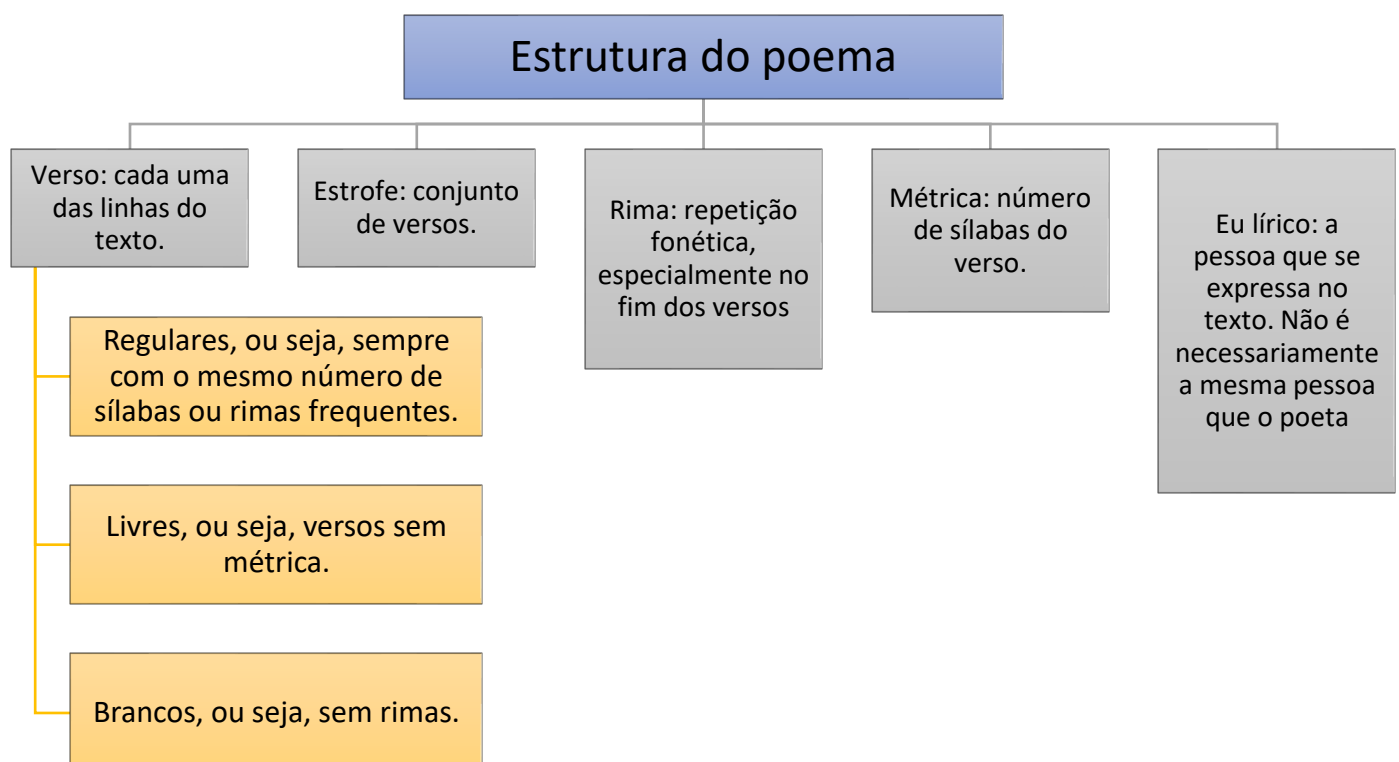
Sim, é possível falar em gêneros musicais! A maioria das canções e músicas pode ser dividida em quatro grandes grupos:

- **Música erudita:** também chamada de “música clássica”. Costuma ser tocada em concertos e não conter texto poético. Muitas vezes é executada por orquestras.
- **Música popular:** são as músicas mais ouvidas pelo grande público. Faz parte de uma indústria cultural, sendo comercializada com objetivo de gerar lucro.
- **Música religiosa:** acessada em festividades ou liturgias, usada para adoração ou oração.
- **Música tradicional:** produções regionais, ligadas a expressões folclóricas ou rituais.



Os gêneros podem se misturar e contaminar. Não é necessário que uma música ou canção pertença a apenas um gênero.

Interpretar uma letra de música é como interpretar um poema. Preste atenção à estrutura (forma) e ao conteúdo, buscando relacioná-los. Lembre-se do que compõe a forma poética:



Quando o texto poético for uma letra de música, eis alguns tópicos para prestar a atenção:

Artista: Ter algum conhecimento sobre o artista que escreveu a canção e o período em que se encontra pode ser um trunfo na hora de interpretar letras de músicas.

Figuras de linguagem: canções costumam contar com um bom uso de figuras de linguagem. Metáforas e antíteses são algumas das mais comuns, mas não são as únicas.

Sonoridade: o som das palavras e a melodia da canção podem ser aliados na hora de interpretar. Se você conhece a canção, tem grandes chances de perceber quais as partes mais importantes, indicadas pelo refrão ou por alguma mudança na melodia, por exemplo.

Título da canção: costuma sintetizar o conteúdo da letra ou os elementos mais importantes do texto.

4 – Exercícios

Você encontra aqui tanto exercícios do ITA quanto de outros vestibulares. Não deixe de praticar. Esse conhecimento pode ajudar você a interpretar as obras literárias cobradas.

Vamos lá?

4.3 - Exercícios

1. (ITA - 2015)

O poema abaixo, de João Cabral de Melo Neto, integra o livro *A escola das facas*.

A voz do canavial

Voz sem saliva da cigarra,
do papel seco que se amassa,

de quando se dobra o jornal:
assim canta o canavial,

ao vento que por suas folhas,
de navalha a navalha, soa,

vento que o dia e a noite toda
o folheia, e nele se esfola.

Sobre o poema, é INCORRETO afirmar que a descrição

- a) compara o som das folhas do canavial com o da cigarra.
- b) põe em relevo a rusticidade da plantação de cana de açúcar.
- c) destaca o som do vento que passa pela plantação.
- d) associa o som do canavial com o amassar das folhas de papel.
- e) faz do vento a navalha que corta o canavial.

2. (ITA - 2010)

Na obra *Quaderna* (1960), João Cabral de Melo Neto incluiu um conjunto de textos, intitulado “Poemas da cabra”, cujo tema é o papel desse animal no universo social e cultural nordestino. Um desses poemas é reproduzido abaixo:

Um núcleo de cabra é visível
por debaixo de muitas coisas.
Com a natureza da cabra
Outras aprendem sua crosta.

Um núcleo de cabra é visível
em certos atributos roucos
que têm as coisas obrigadas
a fazer de seu corpo couro.

A fazer de seu couro sola.
a armar-se em couraças, escamas:
como se dá com certas coisas
e muitas condições humanas.

Os jumentos são animais
que muito aprenderam da cabra.
O nordestino, convivendo-a,
fez-se de sua mesma casta.

Acerca desse poema, NÃO se pode afirmar que:

- a) o poeta vê a cabra como um animal forte e que influencia outros seres que vivem em condições adversas.
- b) aquilo que a cabra parece ensinar aos demais seres é a resignação e a paciência diante da adversidade.
- c) a cabra oferece uma espécie de modelo comportamental para aqueles que precisam ser fortes para enfrentar uma vida dura.
- d) a cabra é um animal resistente ao meio hostil em que vive, assim como outros animais também o são, como o jumento.
- e) há no poema uma aproximação entre a cabra e o homem nordestino, pois ambos são fortes e resistentes.



Das vantagens de ser bobo

O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: "Estou fazendo. Estou pensando."

¹Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia.

O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem. Os espertos estão sempre tão atentos às espertezas alheias que se descontraem diante dos bobos, e estes os veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver. O bobo nunca parece ter tido vez. No entanto, muitas vezes, ²o bobo é um Dostoievski.

Há desvantagem, obviamente. Uma boba, por exemplo, confiou na palavra de um desconhecido para a compra de um ar refrigerado de segunda mão: ³ele disse que o aparelho era novo, praticamente sem uso porque se mudara para a Gávea onde é fresco. Vai a boba e compra o aparelho sem vê-lo sequer. Resultado: não funciona. Chamado um técnico, a opinião deste era de que o aparelho estava tão estragado que o conserto seria caríssimo: mais valia comprar outro. Mas, em contrapartida, a vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, e portanto estar tranquilo, enquanto o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado. O esperto vence com úlcera no estômago. O bobo não percebe que venceu.

Aviso: não confundir bobos com burros. Desvantagem: pode receber uma punhalada de quem menos espera. É uma das tristezas que o bobo não prevê. César terminou dizendo a célebre frase: "Até tu, Brutus?".

Bobo não reclama. Em compensação, como exclama!

Os bobos, com todas as suas palhaçadas, devem estar todos no céu. Se Cristo tivesse sido esperto não teria morrido na cruz.

O bobo é sempre tão simpático que há espertos que se fazem passar por bobos. Ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil. Por isso é que os espertos não conseguem passar por bobos. ⁴Os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida. ⁵Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem.

Há lugares que facilitam mais as pessoas serem bobas (não confundir bobo com burro, com tolo, com fútil). Minas Gerais, por exemplo, facilita ser bobo. Ah, quantos perdem por não nascer em Minas!

Bobo é Chagall, que põe vaca no espaço, voando por cima das casas. É quase impossível evitar o excesso de amor que o bobo provoca. É que só ⁶o bobo é capaz de excesso de amor. E só o amor faz o bobo.

LISPECTOR, Clarice. Das vantagens de ser bobo. Disponível em: <http://www.revistapazes.com/das-vantagens-de-ser-bobo/>. Acesso em 10 de maio de 2017. Originalmente publicado no Jornal do Brasil em 12 de setembro de 1970.

3. (IME - 2018)

Considere o trecho abaixo, retirado do texto:

Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem (referência 6).

A autora discorre sobre a posse de um saber. A respeito desse saber, podemos afirmar que

- a) os bobos que se fazem de bobos estão praticando, na verdade, a sabedoria que os espertos deveriam ter.
- b) os bobos que aparentemente se fazem de bobos estão praticando, na verdade, a sabedoria dos espertos.
- c) os bobos, por serem naturalmente criativos, comprovam possuir a sabedoria necessária para vencer.
- d) os bobos, por serem naturalmente criativos, não permitem que ninguém desconfie de sua dissimulada esperteza, que nada mais é do que produto de sua criatividade; assim definimos sua estratégia para vencer na vida.
- e) os bobos acabam por se tornar espertos e, por isso, ganham as lutas da vida, já que não se importam que “saibam que eles sabem”.

4. (IME - 2018)

Sobre as considerações a respeito de ser **esperto** vs. ser **bobo** encontradas no texto, assinale o par de análises que **destoa** das considerações feitas pela autora.

- a) Os espertos pretendem conquistar o mundo pela sagacidade; o bobo ganha o mundo por sua espontaneidade.
- b) Os espertos muitas vezes atingem seus objetivos; os bobos podem ser facilmente ludibriados.
- c) O esperto preocupa-se todo o tempo em entender o mundo para tirar proveito desse entendimento; ser bobo é sentir o mundo e tomar parte nele.
- d) Os sentimentos do esperto são mais intensos que os do bobo; o coração do bobo é pouco acessível.
- e) O esperto é prevenido; o bobo muitas vezes precisa lidar com complicações em que se mete por ser bobo.

5. (ENEM - 2018)

– Famigerado? [...]

– Famigerado é “inóxico”, é “célebre”, “notório”, “notável” ...

- Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?
- Vilta nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos ...
- Pois ... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia de semana?
- Famigerado? Bem. É: “importante”, que merece louvor, respeito ...

ROSA, G. Famigerado. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Nesse texto, a associação de vocábulos da língua portuguesa a determinados dias da semana remete ao

- a) local de origem dos interlocutores.
- b) estado emocional dos interlocutores.
- c) grau de coloquialidade da comunicação.
- d) nível de intimidade entre os interlocutores.
- e) conhecimento compartilhado na comunicação.

6. (FGV - 2017)

Foi exatamente durante o almoço que se deu o fato.

Almira continuava a querer saber por que Alice viera atrasada e de olhos vermelhos. Abatida, Alice mal respondia. Almira comia com avidez e insistia com os olhos cheios de lágrimas.

– Sua gorda! disse Alice de repente, branca de raiva. Você não pode me deixar em paz?!

Almira engasgou-se com a comida, quis falar, começou a gaguejar. Dos lábios macios de Alice haviam saído palavras que não conseguiam descer com a comida pela garganta de Almira G. de Almeida.

– Você é uma chata e uma intrometida, rebentou de novo Alice. Quer saber o que houve, não é? Pois vou lhe contar, sua chata: é que Zequinha foi embora para Porto Alegre e não vai mais voltar! Agora está contente, sua gorda?

Na verdade Almira parecia ter engordado mais nos últimos momentos, e com comida ainda parada na boca.

Foi então que Almira começou a despertar. E, como se fosse uma magra, pegou o garfo e enfiou-o no pescoço de Alice. O restaurante, ao que se disse no jornal, levantou-se como uma só pessoa. Mas a gorda, mesmo depois de ter feito o gesto, continuou sentada olhando para o chão, sem ao menos olhar o sangue da outra.

Alice foi ao pronto-socorro, de onde saiu com curativos e os olhos ainda regalados de espanto. Almira foi presa em flagrante.

Na prisão, Almira comportou-se com delicadeza e alegria, talvez melancólica, mas alegria mesmo. Fazia graças para as companheiras. Finalmente tinha companheiras. Ficou

encarregada da roupa suja, e dava-se muito bem com as guardiãs, que vez por outra lhe arranjavam uma barra de chocolate.

(Clarice Lispector. *A Legião Estrangeira*, 1964. Adaptado)

Assinale a alternativa em que a preposição “de” forma uma expressão indicativa de causa.

- a) ... por que Alice viera atrasada e **de** olhos vermelhos.
- b) ... e insistia com os olhos cheios **de** lágrimas.
- c) – Sua gorda! disse Alice de repente, branca **de** raiva.
- d) ... pegou o garfo e enfiou-o no pescoço **de** Alice.
- e) Mas a gorda, mesmo depois **de** ter feito o gesto...

7. (ENEM - 2016)

A partida de trem

Marcava seis horas da manhã. Angela Pralini pagou o táxi e pegou sua pequena valise. Dona Maria Rita de Alvarenga Chagas Souza Melo desceu do Opala da filha e encaminharam-se para os trilhos. A velha bem-vestida e com joias. Das rugas que a disfarçavam saía a forma pura de um nariz perdido na idade, e de uma boca que outrora devia ter sido cheia e sensível. Mas que importa? Chega-se a um certo ponto – e o que foi não importa. Começa uma nova raça. Uma velha não pode comunicar-se. Recebeu o beijo gelado de sua filha que foi embora antes do trem partir. Ajudara-a antes a subir no vagão. Sem que neste houvesse um centro, ela se colocara do lado. Quando a locomotiva se pôs em movimento, surpreendeu-se um pouco: não esperava que o trem seguisse nessa direção e sentara-se de costas para o caminho.

Angela Pralini percebeu-lhe o movimento e perguntou:

— A senhora deseja trocar de lugar comigo?

Dona Maria Rita se espantou com a delicadeza, disse que não, obrigada, para ela dava no mesmo. Mas parecia ter-se perturbado. Passou a mão sobre o camafeu filigranado de ouro, espetado no peito, passou a mão pelo broche. Seca. Ofendida? Perguntou afinal a Angela Pralini:

— É por causa de mim que a senhorita deseja trocar de lugar?

LISPECTOR, C. Onde estivestes de noite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 (fragmento).

A descoberta de experiências emocionais com base no cotidiano é recorrente na obra de Clarice Lispector. No fragmento, o narrador enfatiza o(a)

- a) comportamento vaidoso de mulheres de condição social privilegiada.
- b) anulação das diferenças sociais no espaço público de uma estação.

- c) incompatibilidade psicológica entre mulheres de gerações diferentes.
- d) constrangimento da aproximação formal de pessoas desconhecidas.
- e) sentimento de solidão alimentado pelo processo de envelhecimento.

8. (ENEM - 2015)

Tudo era harmonioso, sólido, verdadeiro. No princípio. As mulheres, principalmente as mortas do álbum, eram maravilhosas. Os homens, mais maravilhosos ainda, ah, difícil encontrar família mais perfeita. A nossa família, dizia a bela voz de contralto da minha avó. Na nossa família, frisava, lançado em redor olhares complacentes, lamentando os que não faziam parte do nosso clã. [...]

Quando Margarida resolveu contar os podres todos que sabia naquela noite negra da rebelião, fiquei furiosa. [...]

É mentira, é mentira!, gritei tapando os ouvidos. Mas Margarida seguia em frente: tio Maximiliano se casou com a inglesa de cachos só por causa do dinheiro, não passava de um pilantra, a loirinha feiosa era riquíssima. Tia Consuelo? Ora, tia Consuelo chorava porque sentia falta de homem, ela queria homem e não Deus, ou o convento ou o sanatório. O dote era tão bom que o convento abriu-lhe as portas com loucura e tudo. “E tem mais coisas ainda, minha queridinha”, anunciou Margarida fazendo um agrado no meu queixo. Reagi com violência: uma agregada, uma cria e, ainda por cima, mestiça. Como ousava desmoralizar meus heróis?

TELLES, L. F. A estrutura da bolha de sabão. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Representante da ficção contemporânea, a prosa de Lygia Fagundes Telles configura e desconstrói modelos sociais. No trecho, a percepção do núcleo familiar descortina um(a)

- a) convivência frágil ligando pessoas financeiramente dependentes.
- b) tensa hierarquia familiar equilibrada graças à presença da matriarca.
- c) pacto de atitudes e valores mantidos à custa de ocultações e hipocrisias.
- d) tradicional conflito de gerações protagonizado pela narradora e seus tios.
- e) velada discriminação racial refletida na procura de casamentos com europeus.

9. (FGV - 2015)

Redundâncias

Ter medo da morte
é coisa dos vivos
o morto está livre
de tudo o que é vida



Ter apego ao mundo
é coisa dos vivos
para o morto não há
(não houve)
raios rios risos

E ninguém vive a morte
quer morto quer vivo
mera noção que existe
só enquanto existo
(Ferreira Gullar, Muitas vozes)

Em relação à oração – é coisa dos vivos –, os enunciados – Ter medo da morte – (1.ª estrofe) e – Ter apego ao mundo – (2.ª estrofe) exercem a função sintática de

- a) sujeito.
- b) predicativo do sujeito.
- c) objeto direto.
- d) adjunto adnominal.
- e) complemento nominal.

10. (FUVEST - 2011)

Leia o seguinte texto:

¹Era o que ele estudava. “A estrutura, quer dizer, a estrutura” – ele repetia e abria as mãos branquíssimas ao esboçar o gesto redondo. Eu ficava olhando seu gesto impreciso porque uma bolha de sabão é mesmo imprecisa, nem sólida nem líquida, nem realidade nem sonho. Película e oco. “A estrutura da bolha de sabão, compreende?” Não compreendia. Não tinha importância.

⁵Importante era o quintal da minha meninice com seus verdes canudos de mamoeiro, quando cortava os mais tenros que sopravam as bolas maiores, mais perfeitas.

Lygia Fagundes Telles, **A estrutura da bolha de sabão**, 1973.

A “estrutura” da bolha de sabão é consequência das propriedades físicas e químicas dos seus componentes. As cores observadas nas bolhas resultam da interferência que ocorre entre os raios luminosos refletidos em suas superfícies interna e externa.

Considere as afirmações abaixo sobre o início do conto de Lygia Fagundes Telles e sobre a bolha de sabão:

I. O excerto recorre, logo em suas primeiras linhas, a um procedimento de coesão textual em que pronomes pessoais são utilizados antes da apresentação de seus referentes, gerando expectativa na leitura.

II. Os principais fatores que permitem a existência da bolha são a força de tensão superficial do líquido e a presença do sabão, que reage com as impurezas da água, formando a sua película visível.

III. A ótica geométrica pode explicar o aparecimento de cores na bolha de sabão, já que esse fenômeno não é consequência da natureza ondulatória da luz.

Está correto apenas o que se afirma em

- a) I.
- b) I e II.
- c) I e III.
- d) II e III.
- e) III.

11. (FUVEST - 2001)

¹Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
⁵não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
¹⁰nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear.

(João Cabral de Melo Neto, **Morte e Vida Severina**).

Nos versos acima, a personagem da “rezadora” fala das vantagens de sua profissão e de outras semelhantes. A sequência de imagens neles presente tem como pressuposto imediato a ideia de:

- a) técnicas agrícolas adequadas ao sertão.

- b) dificuldade de plantio na seca.
- c) sepultamento dos mortos.
- d) necessidade de melhores contratos de trabalho.
- e) escassez de mão de obra no sertão.

12. (FUVEST - 2006)

Ele se aproximou e com voz cantante de nordestino que a emocionou, perguntou-lhe:

- E se me desculpe, senhorinha, posso convidar a passear?
- Sim, respondeu atabalhoadamente com pressa antes que ele mudasse de ideia.
- E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?
- Macabéa.
- Maca – o quê?
- Bea, foi ela obrigada a completar.
- Me desculpe mas até parece doença, doença de pele.
- Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo – parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor – pois como o senhor vê eu vinguei... pois é...
- Também no sertão da Paraíba promessa é questão de grande dívida de honra.

Eles não sabiam como se passeia. Andaram sob a chuva grossa e pararam diante da vitrine de uma loja de ferragem onde estavam expostos atrás do vidro canos, latas, parafusos grandes e pregos. E Macabéa, com medo de que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém-namorado:

- Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?

Da segunda vez em que se encontraram caía uma chuva fininha que ensopava os ossos. Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva que na cara de Macabéa parecia lágrimas escorrendo.

Clarice Lispector, **A hora da estrela**.

Neste excerto, as falas de Olímpico e Macabéa

- a) aproximam-se do cômico, mas, no âmbito do livro, evidenciam a oposição cultural entre a mulher nordestina e o homem do sul do País.
- b) demonstram a incapacidade de expressão verbal das personagens, reflexo da privação econômica de que são vítimas.

- c) beiram às vezes o absurdo, mas, no contexto da obra, adquirem um sentido de humor e sátira social.
- d) registram, com sentimentalismo, o eterno conflito que opõe os princípios antagônicos do Bem e do Mal.
- e) suprimem, por seu caráter ridículo, a percepção do desamparo social e existencial das personagens.

13. (ITA - 2015)

O poema abaixo, de João Cabral de Melo Neto, integra o livro *A escola das facas*.

A voz do canavial

Voz sem saliva da cigarra,
do papel seco que se amassa,

de quando se dobra o jornal:
assim canta o canavial,

ao vento que por suas folhas,
de navalha a navalha, soa,

vento que o dia e a noite toda
o folheia, e nele se esfola.

Sobre o poema, é INCORRETO afirmar que a descrição

- a) compara o som das folhas do canavial com o da cigarra.
- b) põe em relevo a rusticidade da plantação de cana de açúcar.
- c) destaca o som do vento que passa pela plantação.
- d) associa o som do canavial com o amassar das folhas de papel.
- e) faz do vento a navalha que corta o canavial.

14. (ITA - 2015)

O poema abaixo, de Alice Ruiz, faz parte do livro *Jardim de Haijin*.

passeio no Ibirapuera
uma cerejeira florida
interrompe a conversa

No texto, NÃO há

- a) sentimento de amor pela natureza, exacerbado e de raiz romântica.
- b) emoção estética despertada pela vegetação naquele que passeia.
- c) descrição de parte da flora que integra o parque do Ibirapuera.

- d) surpresa, durante o passeio pelo parque, causada por uma beleza inesperada.
- e) referência a um local específico, o parque situado na cidade de São Paulo.

15. (ITA - 2011)

Considere o poema abaixo, “A cantiga”, de Adélia Prado:

“Ai cigana ciganinha,
ciganinha, meu amor”.
Quando escutei essa cantiga
era hora do almoço, há muitos anos.
A voz da mulher cantando vinha de uma cozinha,
ai ciganinha, a voz de bambu rachado
continua tinindo, esganiçada, linda,
viaja pra dentro de mim, o meu ouvido cada vez melhor.
Canta, canta, mulher, vai polindo o cristal,
canta mais, canta que eu acho minha mãe,
meu vestido estampado, meu pai tirando boia da panela,
canta que eu acho minha vida.

(Em: *Bagagem*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.)

Acerca desse poema, é INCORRETO afirmar que

- a) a poeta tem consciência de que seu passado é irremediavelmente perdido.
- b) existe um tom nostálgico, e um saudosismo de raiz romântica.
- c) a cantiga faz com que a poeta reviva uma série de lembranças afetivas.
- d) predomina o tom confessional e o caráter autobiográfico.
- e) valoriza os elementos da cultura popular, também uma herança romântica.

16. (ITA - 2011)

Considere o poema abaixo, de Ronaldo Azeredo:



Esse texto

- I. explora a organização visual das palavras sobre a página.
- II. põe ênfase apenas na forma e não no conteúdo da mensagem.

- III. pode ser lido não apenas na sequência horizontal das linhas.
IV. não apresenta preocupação social.

Estão corretas

- a) I e II.
- b) I, II e III.
- c) I e III.
- d) II e IV.
- e) todas.

17. (ITA - 2010)

Na obra *Quaderna* (1960), João Cabral de Melo Neto incluiu um conjunto de textos, intitulado “Poemas da cabra”, cujo tema é o papel desse animal no universo social e cultural nordestino. Um desses poemas é reproduzido abaixo:

Um núcleo de cabra é visível
por debaixo de muitas coisas.
Com a natureza da cabra
Outras aprendem sua crosta.

Um núcleo de cabra é visível
em certos atributos roucos
que têm as coisas obrigadas
a fazer de seu corpo couro.

A fazer de seu couro sola.
a armar-se em couraças, escamas:
como se dá com certas coisas
e muitas condições humanas.

Os jumentos são animais
que muito aprenderam da cabra.
O nordestino, convivendo-a,
fez-se de sua mesma casta.

Acerca desse poema, NÃO se pode afirmar que:

- a) o poeta vê a cabra como um animal forte e que influencia outros seres que vivem em condições adversas.
- b) aquilo que a cabra parece ensinar aos demais seres é a resignação e a paciência diante da adversidade.
- c) a cabra oferece uma espécie de modelo comportamental para aqueles que precisam ser fortes para enfrentar uma vida dura.
- d) a cabra é um animal resistente ao meio hostil em que vive, assim como outros animais também o são, como o jumento.

e) há no poema uma aproximação entre a cabra e o homem nordestino, pois ambos são fortes e resistentes.

18. (ITA - 2010)

O poema abaixo faz parte da obra *Livro sobre nada* (1996), de Manoel de Barros:

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá
mas não pode medir seus encantos.

A ciência não pode calcular quantos cavalos de força
existem
nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam.

É certo dizer que estamos diante de um poema

- a) que mostra que o estudo dos sabiás tem mais a ver com adivinhação do que com informação.
- b) no qual o autor mostra que a ciência é muito limitada para entender a anatomia do sabiá.
- c) segundo o qual a ciência consegue entender a anatomia do sabiá, mas não explicar por que ele nos encanta.
- d) que mostra que há mistérios na natureza que a ciência tenta desvendar, como o encanto de um sabiá.
- e) que afirma ser impossível um saber acerca do sabiá.

19. (ITA - 2010)

No último livro que publicou em vida, *Teia* (1996), a escritora Orides Fontela escreveu o poema abaixo.

João

I
De barro
o operário
e a casa

(de barro
o nome
e a obra).

II
O pássaro-operário



madrugada:

construir a
casa
construir
o canto

ganhar – construir –
o dia.

III
O pássaro
faz o seu
trabalho
e o trabalho faz
o pássaro.

IV
O duro
impuro
labor: construir-se.

V
O canto é anterior
ao pássaro

a casa é anterior
ao barro

O nome é anterior
à vida.

Podemos afirmar que:

- I. nem a parte I nem a II indicam que o pássaro “joão-de-barro” pode ser visto como metáfora de um determinado tipo social.
- II. apenas a parte III sugere que o trabalho feito pelo joão-de-barro aproxima-se daquele feito por um operário.
- III. o poema, em seu todo, aproxima metaforicamente o “joão-de-barro” de um trabalhador brasileiro (um “João”, como o título indica).
- IV. como no caso do pássaro, também para o operário vale a ideia de que o homem faz o trabalho e o trabalho faz o homem.

Estão corretas apenas as afirmações:

- a) I e III.



- b) I e IV.
- c) II e III.
- d) II e IV.
- e) III e IV.

20. (ITA - 2009)

Leia o poema abaixo, “Na contramão”, de Chacal.

ela ali tão sem
eu aqui sem chão
nós assim ninguém
cada um na mão

Acerca desse poema, considere as seguintes afirmações:

- I. Ele possui uma das marcas mais típicas da poesia contemporânea, que é a brevidade.
- II. É notória a informalidade da linguagem, que afasta o poema da tradição culta e erudita.
- III. Há um sentimentalismo contemporâneo que filtra os excessos da expressão sentimental.
- IV. Existe a persistência do tema do desencontro amoroso (tradicional na literatura).

Está(ão) correta(s)

- a) apenas a I.
- b) apenas I e II.
- c) apenas I, II e III.
- d) apenas III e IV.
- e) todas.

21. (IME - 2016)**SOLUÇÃO**

João Paiva

Eu quero uma solução
homogênea, preparada,
coisa certa, controlada
para ter tudo na mão.
Solução para questão
que não ousa resolver.
Diluída num balão
elixir pra me entreter.
Faço centrifugação
para ter ar uniforme
uso varinha conforme,
seja mágica ou não.
Busco uma solução
tudo lindo, direitinho
eu quero ter tudo certinho



ter o mundo nesta mão.
Procuro mistura,
então aqueço tudo em cadinho.
E vejo não ter solução
mas apenas um caminho...

PAIVA, João. Quase poesia, quase química. Disponível em: <<http://www.spq.pt/files/docs/boletim/poesia/quase-poesia-quase-quimica-jpaiva2012.pdf>> Acesso em: 22/04/2015

Sobre o texto podemos inferir que

- I. o autor do texto nos traz uma mensagem altamente negativa e pessimista do fazer científico.
- II. o vocábulo que confere título ao texto pode ter o mesmo valor semântico no primeiro e quinto versos, o que confirma a intenção do cientista em “para ter tudo na mão” (verso 4).
- III. o cientista falha quando não encontra meios em seu trabalho cotidiano para solucionar, com extrema precisão, tudo o que lhe vier às mãos para fazer.

Marque a opção correta:

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) II e III
- d) III apenas.
- e) nenhuma das alternativas.

Texto para as próximas questões

Poesia Matemática

Millôr Fernandes

- 1 Às folhas tantas
- 2 do livro matemático
- 3 um Quociente apaixonou-se
- 4 um dia
- 5 doidamente
- 6 por uma Incógnita.
- 7 Olhou-a com seu olhar inumerável
- 8 e viu-a do ápice __ base
- 9 uma figura ímpar;
- 10 olhos romboides, boca trapezoide,
- 11 corpo retangular, seios esferoides.
- 12 Fez de sua uma vida
- 13 paralela à dela
- 14 até que se encontraram
- 15 no infinito.
- 16 "Quem és tu?", indagou ele
- 17 em ânsia radical.
- 18 "Sou a soma do quadrado dos catetos.



19 Mas pode me chamar de Hipotenusa."
20 E de falarem descobriram que eram
21 (o que em aritmética corresponde
22 a almas irmãs)
23 primos entre si.
24 E assim se amaram
25 ao quadrado da velocidade da luz
26 numa sexta potenciação
27 traçando
28 ao sabor do momento
29 e da paixão
30 retas, curvas, círculos e linhas senoidais
31 nos jardins da quarta dimensão.
32 Escandalizaram os ortodoxos das fórmulas euclidiana
33 e os exegetas do Universo Finito.
34 Romperam convenções newtonianas e pitagóricas.
35 E enfim resolveram se casar
36 constituir um lar,
37 mais que um lar,
38 um perpendicular.
39 Convidaram para padrinhos
40 o Poliedro e a Bissetriz.
41 E fizeram planos, equações e diagramas para o futuro
42 sonhando com uma felicidade
43 integral e diferencial.
44 E se casaram e tiveram uma secante e três cones
45 muito engraçadinhos.
46 E foram felizes
47 até aquele dia
48 em que tudo vira afinal
49 monotonia.
50 Foi então que surgiu
51 O Máximo Divisor Comum
52 frequentador de círculos concêntricos,
53 viciosos.
54 Ofereceu-lhe, a ela,
55 uma grandeza absoluta
56 e reduziu-a a um denominador comum.
57 Ele, Quociente, percebeu
58 que com ela não formava mais um todo,
59 uma unidade.
60 Era o triângulo,
61 tanto chamado amoroso.
62 Desse problema ela era uma fração,

63 a mais ordinária.
64 Mas foi então que Einstein descobriu a Relatividade
65 e tudo que era espúrio passou a ser
66 moralidade
67 como aliás em qualquer
68 sociedade

*RELEITURAS. Poesia matemática. Disponível em: <
http://www.releituras.com/millor_poesia.asp>. Acesso em 09/05/2013.*

22. (IME - 2014)

A repetição da conjunção “e” nos versos 41, 44 e 46 do texto revela um traço estilístico que

- a) dá uma ideia de ênfase à sequência de ações do casal.
- b) dá uma ideia de monotonia aos acontecimentos.
- c) dá uma ideia de confusão à sequência de ações do casal.
- d) ajuda a prever o desfecho da separação anunciada ao final.
- e) deixa perceber a que movimento literário se filia o autor do texto.

23. (IME - 2014)

Leia atentamente as assertivas a seguir, todas referentes ao texto desta prova

- I. A partir de conceitos matemáticos construiu-se uma narrativa poética em terceira pessoa cujo tema é a traição numa relação amorosa.
- II. O adjetivo **ordinária** (V. 63) está carregado de um tom moralizante e deixa entrever um juízo de valor relativo ao comportamento feminino no relacionamento entre a Hipotenusa e o Quociente.
- III. É coerente com o tom moralizante da Poesia Matemática associar o nome dado ao elemento masculino da relação amorosa narrada, Quociente, ao adjetivo consciente, isto é, aquele que faz uso da razão.
- IV. A quebra de paradigmas científicos requerida pela Teoria da Relatividade einsteiniana é associada, à quebra de paradigmas morais nas sociedades modernas.

Dentre as afirmativas acima

- a) apenas a I e a II estão corretas.
- b) apenas a II e a III estão corretas.
- c) apenas a III está correta.
- d) apenas a III e a IV estão corretas.
- e) todas estão corretas.

24. (UERJ - 2019)

Tempo Rei

Não me iludo
Tudo permanecerá do jeito
Que tem sido
Transcorrendo, transformando
Tempo e espaço navegando todos os sentidos



(...)

Tempo Rei, ó Tempo Rei, ó Tempo Rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinaí-me, ó Pai, o que eu ainda não sei
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei

Pensamento, mesmo fundamento singular
Do ser humano, de um momento para o outro
Poderá não mais fundar nem gregos nem baianos

Mães zelosas, pais corujas
Vejam como as águas de repente ficam sujas
Não se iludam, não me iludo
Tudo agora mesmo pode estar por um segundo

Tempo Rei, ó Tempo Rei, ó Tempo Rei

(...)

GILBERTO GIL, letras.com.br

O tempo, além de relacionado aos fenômenos naturais, é também condicionador das vidas humanas.

Na letra da canção de Gilberto Gil, a dimensão do tempo histórico destacada é denominada:

- a) evolução
- b) aceleração
- c) linearidade
- d) descontinuidade

25.(Insper - 2014) adaptada

Canção do exílio

Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá,
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,

Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Cinco estrelas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Coleção Literatura em Minha Casa.

Lisboa: aventuras

tomei um expresso
 cheguei de foguete
subi num bonde
 desci de um elétrico
pedi cafezinho
 serviram-me uma bica
quis comprar meias
 só vendiam peúgas
fui dar à descarga
 disparei um autoclisma
gritei "ó cara!"
 responderam-me "ó pá!"

 positivamente
as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá

(José Paulo Paes, A poesia está morta, mas juro que não fui eu. São Paulo: Duas Cidades, 1998)

A respeito da referência intertextual presente no poema, é correto afirmar que

- a) os advérbios “aqui” e “lá”, diferentemente do que ocorre nos versos originais de Gonçalves Dias, apontam para um espaço geográfico idealizado.
- b) José Paulo Paes ironiza a tese da unificação da língua portuguesa arduamente defendida por Gonçalves Dias em seu poema.
- c) ao transcrever os versos da “Canção do Exílio” em seu poema, José Paulo Paes reproduz, com fidelidade, o sentimento de patriotismo expresso por Gonçalves Dias.
- d) a disposição gráfica dos versos simula um debate entre os poetas José Paulo Paes e Gonçalves Dias, no qual o escritor romântico tem a palavra final.
- e) na releitura proposta por José Paulo Paes, as aves podem simbolizar os falantes do português, e os gorjeios, as variantes regionais.

4.2 – Gabarito

1. E
2. B
3. C
4. D
5. C
6. C
7. E
8. C
9. A
10. A
11. C
12. C
13. B
14. A
15. A
16. C
17. B
18. C
19. E
20. E
21. B
22. A
23. E
24. D
25. E

4.3 - Exercícios comentados

1. (ITA - 2015)

O poema abaixo, de João Cabral de Melo Neto, integra o livro *A escola das facas*.

A voz do canavial

Voz sem saliva da cigarra,
do papel seco que se amassa,

de quando se dobra o jornal:
assim canta o canavial,

ao vento que por suas folhas,
de navalha a navalha, soa,

vento que o dia e a noite toda
o folheia, e nele se esfola.

Sobre o poema, é INCORRETO afirmar que a descrição

- a) compara o som das folhas do canavial com o da cigarra.
- b) põe em relevo a rusticidade da plantação de cana de açúcar.
- c) destaca o som do vento que passa pela plantação.
- d) associa o som do canavial com o amassar das folhas de papel.
- e) faz do vento a navalha que corta o canavial.

Comentários

Alternativa A: correta. Os versos “Voz sem saliva da cigarra, / (...) assim canta o canavial” deixam nítida a relação entre o som das folhas do canavial e da cigarra.

Alternativa B: correta. Os elementos aproximados ao som das folhas do canavial indicam a rusticidade, elemento típico da poesia de João Cabral de Melo Neto: “voz sem saliva”, “papel seco” e “navalha”.

Alternativa C: correta. O poema é composto de aproximações relativas ao som do vento que passa pela plantação: “ao vento que por suas folhas, / de navalha a navalha, soa, / vento que o dia e a noite toda / o folheia, e nele se esfola”.

Alternativa D: correta. A associação é nítida nos versos “de quando se dobra o jornal: / assim canta o canavial”.

Alternativa E: incorreta. O vento não corta o canavial; seu som é que se aproxima de uma navalha: “ao vento que por suas folhas, / de navalha a navalha, soa”.

Gabarito: E

2. (ITA - 2010)

Na obra *Quaderna* (1960), João Cabral de Melo Neto incluiu um conjunto de textos, intitulado “Poemas da cabra”, cujo tema é o papel desse animal no universo social e cultural nordestino. Um desses poemas é reproduzido abaixo:



Um núcleo de cabra é visível
por debaixo de muitas coisas.
Com a natureza da cabra
Outras aprendem sua crosta.

Um núcleo de cabra é visível
em certos atributos roucos
que têm as coisas obrigadas
a fazer de seu corpo couro.

A fazer de seu couro sola.
a armar-se em couraças, escamas:
como se dá com certas coisas
e muitas condições humanas.

Os jumentos são animais
que muito aprenderam da cabra.
O nordestino, convivendo-a,
fez-se de sua mesma casta.

Acerca desse poema, NÃO se pode afirmar que:

- a) o poeta vê a cabra como um animal forte e que influencia outros seres que vivem em condições adversas.
- b) aquilo que a cabra parece ensinar aos demais seres é a resignação e a paciência diante da adversidade.
- c) a cabra oferece uma espécie de modelo comportamental para aqueles que precisam ser fortes para enfrentar uma vida dura.
- d) a cabra é um animal resistente ao meio hostil em que vive, assim como outros animais também o são, como o jumento.
- e) há no poema uma aproximação entre a cabra e o homem nordestino, pois ambos são fortes e resistentes.

Comentários

Alternativa A: correta. A alternativa A não apresenta incorreções, pois o poeta de fato apresenta a cabra como um animal forte que “arma-se em couraças” e com quem “outras naturezas aprendem”, pois espelhando-se em seu comportamento, os homens podem aprender.

Alternativa B: incorreta – gabarito. Não há no poema referências à ideia de “resignação” ou de “paciência”. Pelo contrário, há uma referência a “a armar-se em couraças, escamas”, ou seja, colocar uma armadura, o que costuma significar embate. Por isso, a alternativa incorreta é alternativa B.

Alternativa C: correta. A alternativa C não apresenta incorreções, pois no trecho “O nordestino, convivendo-a, / fez-se de sua mesma casta” fica claro que o homem aprendeu com a cabra como se comportar diante de certas situações: armando-se.

Alternativa D: correta. A alternativa D não apresenta incorreções, pois no poema, há comparação entre a cabra e o jumento em “Os jumentos são animais / que muito aprenderam da cabra”.

Alternativa E: correta. A alternativa E não apresenta incorreções, pois, assim como na alternativa C, o trecho “O nordestino, convivendo-a, / fez-se de sua mesma casta” comprova a relação entre o homem e a cabra.

Gabarito: B.

Das vantagens de ser bobo

O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: “Estou fazendo. Estou pensando.”.

¹Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia.

O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem. Os espertos estão sempre tão atentos às espertezas alheias que se descontraem diante dos bobos, e estes os veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver. O bobo nunca parece ter tido vez. No entanto, muitas vezes, ²o bobo é um Dostoiévski.

Há desvantagem, obviamente. Uma boba, por exemplo, confiou na palavra de um desconhecido para a compra de um ar refrigerado de segunda mão: ³ele disse que o aparelho era novo, praticamente sem uso porque se mudara para a Gávea onde é fresco. Vai a boba e compra o aparelho sem vê-lo sequer. Resultado: não funciona. Chamado um técnico, a opinião deste era de que o aparelho estava tão estragado que o conserto seria caríssimo: mais valia comprar outro. Mas, em contrapartida, a vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, e portanto estar tranquilo, enquanto o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado. O esperto vence com úlcera no estômago. O bobo não percebe que venceu.

Aviso: não confundir bobos com burros. Desvantagem: pode receber uma punhalada de quem menos espera. É uma das tristezas que o bobo não prevê. César terminou dizendo a célebre frase: “Até tu, Brutus?”.

Bobo não reclama. Em compensação, como exclama!

Os bobos, com todas as suas palhaçadas, devem estar todos no céu. Se Cristo tivesse sido esperto não teria morrido na cruz.

O bobo é sempre tão simpático que há espertos que se fazem passar por bobos. Ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil. Por isso é que os espertos não conseguem passar por bobos. ⁴Os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida. ⁵Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem.

Há lugares que facilitam mais as pessoas serem bobas (não confundir bobo com burro, com tolo, com fútil). Minas Gerais, por exemplo, facilita ser bobo. Ah, quantos perdem por não nascer em Minas!

Bobo é Chagall, que põe vaca no espaço, voando por cima das casas. É quase impossível evitar o excesso de amor que o bobo provoca. É que só ⁶o bobo é capaz de excesso de amor. E só o amor faz o bobo.

LISPECTOR, Clarice. Das vantagens de ser bobo. Disponível em: <http://www.revistapazes.com/das-vantagens-de-ser-bobo/>. Acesso em 10 de maio de 2017. Originalmente publicado no Jornal do Brasil em 12 de setembro de 1970.

3. (IME - 2018)

Considere o trecho abaixo, retirado do texto:

Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem (referência 6).

A autora discorre sobre a posse de um saber. A respeito desse saber, podemos afirmar que

- a) os bobos que se fazem de bobos estão praticando, na verdade, a sabedoria que os espertos deveriam ter.
- b) os bobos que aparentemente se fazem de bobos estão praticando, na verdade, a sabedoria dos espertos.
- c) os bobos, por serem naturalmente criativos, comprovam possuir a sabedoria necessária para vencer.
- d) os bobos, por serem naturalmente criativos, não permitem que ninguém desconfie de sua dissimulada esperteza, que nada mais é do que produto de sua criatividade; assim definimos sua estratégia para vencer na vida.
- e) os bobos acabam por se tornar espertos e, por isso, ganham as lutas da vida, já que não se importam que “saibam que eles sabem”.

Comentários: A autora afirma que os bobos não agem pensando na opinião dos outros ou em comparar-se com os ditos “espertos”. Eles vivem o cotidiano de forma criativa e espontânea. A alternativa que melhor se adequa a essa ideia é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois os bobos não “se fazem de bobos”, ou seja, seu comportamento não é fingido, mas sim espontâneo.

A alternativa B está incorreta, pois, assim como em A, não há no texto a ideia de que o bobo dissimule seu comportamento.

A alternativa D está incorreta, pois os bobos apenas vivem, sem planejar ou dissimular seus sentimentos e ações.

A alternativa E está incorreta, pois os bobos não se tornam espertos a partir desse comportamento. A autora não tenta aproximar os comportamentos no texto, como se um pudesse virar o outro.

Gabarito: C

4. (IME - 2018)

Sobre as considerações a respeito de ser **esperto** vs. ser **bobo** encontradas no texto, assinale o par de análises que **destoa** das considerações feitas pela autora.



- a) Os espertos pretendem conquistar o mundo pela sagacidade; o bobo ganha o mundo por sua espontaneidade.
- b) Os espertos muitas vezes atingem seus objetivos; os bobos podem ser facilmente ludibriados.
- c) O esperto preocupa-se todo o tempo em entender o mundo para tirar proveito desse entendimento; ser bobo é sentir o mundo e tomar parte nele.
- d) Os sentimentos do esperto são mais intensos que os do bobo; o coração do bobo é pouco acessível.
- e) O esperto é prevenido; o bobo muitas vezes precisa lidar com complicações em que se mete por ser bobo.

Comentários: No último parágrafo do texto, a autora faz referência à relação que o bobo tem com o amor em “o amor faz o bobo”. Por isso, não é possível dizer que o coração do bobo é pouco acessível. A alternativa que apresenta par de análises que destoa é alternativa D.

A alternativa A não apresenta incorreções, pois essa é a relação estabelecida ao longo do texto: o esperto se esforça para vencer enquanto o bobo só age naturalmente.

A alternativa B não apresenta incorreções, pois o texto afirma que os espertos tendem a conseguir o que querem pela audácia, enquanto os bobos, por confiarem demais, podem ser enganados.

A alternativa C não apresenta incorreções, pois o texto afirma que o esperto está sempre elaborando esquemas, enquanto o bobo apenas vive no mundo.

A alternativa E não apresenta incorreções, pois o texto afirma que os espertos planejam seus passos, enquanto o bobo faz as coisas espontaneamente.

Gabarito: D

5. (ENEM - 2018)

– Famigerado? [...]

– Famigerado é “inócio”, é “célebre”, “notório”, “notável” ...

– Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?

– Vilta nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos ...

– Pois ... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia de semana?

– Famigerado? Bem. É: “importante”, que merece louvor, respeito ...

ROSA, G. Famigerado. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Nesse texto, a associação de vocábulos da língua portuguesa a determinados dias da semana remete ao

- a) local de origem dos interlocutores.
- b) estado emocional dos interlocutores.
- c) grau de coloquialidade da comunicação.
- d) nível de intimidade entre os interlocutores.

e) conhecimento compartilhado na comunicação.

Comentários

Alternativa “a”: incorreta. Não está em jogo que origem é essa.

Alternativa “b”: incorreta. Não é bem um estado emocional, eles apenas discutem o entendimento de um vocábulo.

Alternativa “c”: correta – gabarito. A linguagem do “em dia-de-semana”, nas palavras do jagunço, remete ao grau de coloquialidade da comunicação, ou seja, à fala comum segundo contextos de comunicação e da necessidade humana no cotidiano do sertão brasileiro.

Alternativa “d”: incorreta. O que está sendo discutido é o entendimento de uma palavra e não a familiaridade entre os falantes.

Alternativa “e”: incorreta. A discussão acerca da linguagem é metalinguística e consiste no estilo de Guimarães.

Gabarito: C

6. (FGV - 2017)

Foi exatamente durante o almoço que se deu o fato.

Almira continuava a querer saber por que Alice viera atrasada e de olhos vermelhos. Abatida, Alice mal respondia. Almira comia com avidez e insistia com os olhos cheios de lágrimas.

– Sua gorda! disse Alice de repente, branca de raiva. Você não pode me deixar em paz?!

Almira engasgou-se com a comida, quis falar, começou a gaguejar. Dos lábios macios de Alice haviam saído palavras que não conseguiam descer com a comida pela garganta de Almira G. de Almeida.

– Você é uma chata e uma intrometida, rebentou de novo Alice. Quer saber o que houve, não é? Pois vou lhe contar, sua chata: é que Zequinha foi embora para Porto Alegre e não vai mais voltar! Agora está contente, sua gorda?

Na verdade Almira parecia ter engordado mais nos últimos momentos, e com comida ainda parada na boca.

Foi então que Almira começou a despertar. E, como se fosse uma magra, pegou o garfo e enfiou-o no pescoço de Alice. O restaurante, ao que se disse no jornal, levantou-se como uma só pessoa. Mas a gorda, mesmo depois de ter feito o gesto, continuou sentada olhando para o chão, sem ao menos olhar o sangue da outra.

Alice foi ao pronto-socorro, de onde saiu com curativos e os olhos ainda regalados de espanto. Almira foi presa em flagrante.

Na prisão, Almira comportou-se com delicadeza e alegria, talvez melancólica, mas alegria mesmo. Fazia graças para as companheiras. Finalmente tinha companheiras. Ficou encarregada da roupa suja, e dava-se muito bem com as guardiãs, que vez por outra lhe arranjavam uma barra de chocolate.

(Clarice Lispector. *A Legião Estrangeira*, 1964. Adaptado)

Assinale a alternativa em que a preposição “de” forma uma expressão indicativa de causa.

- a) ... por que Alice viera atrasada e **de** olhos vermelhos.
- b) ... e insistia com os olhos cheios **de** lágrimas.
- c) – Sua gorda! disse Alice de repente, branca **de** raiva.
- d) ... pegou o garfo e enfiou-o no pescoço **de** Alice.
- e) Mas a gorda, mesmo depois **de** ter feito o gesto...

Comentários: O “de” expressa relação de causa na alternativa C: ela estava branca porque estava com raiva (branca por causa da raiva).

A alternativa A está incorreta, pois “de olhos vermelhos” relata o estado em que Alice veio, mas não indica causa.

A alternativa B está incorreta, pois “de lágrimas” identifica do que os olhos estavam cheios, não **porque** estavam cheios.

A alternativa D está incorreta, pois “de Alice” indica de quem é o pescoço, portanto não há relação de causa, mas pertencimento.

A alternativa E está incorreta, pois “depois de” indica posterioridade, não causa.

Gabarito: C

7. (ENEM - 2016)

A partida de trem

Marcava seis horas da manhã. Angela Pralini pagou o táxi e pegou sua pequena valise. Dona Maria Rita de Alvarenga Chagas Souza Melo desceu do Opala da filha e encaminharam-se para os trilhos. A velha bem-vestida e com joias. Das rugas que a disfarçavam saía a forma pura de um nariz perdido na idade, e de uma boca que outrora devia ter sido cheia e sensível. Mas que importa? Chega-se a um certo ponto – e o que foi não importa. Começa uma nova raça. Uma velha não pode comunicar-se. Recebeu o beijo gelado de sua filha que foi embora antes do trem partir. Ajudara-a antes a subir no vagão. Sem que neste houvesse um centro, ela se colocara do lado. Quando a locomotiva se pôs em movimento, surpreendeu-se um pouco: não esperava que o trem seguisse nessa direção e sentara-se de costas para o caminho.

Angela Pralini percebeu-lhe o movimento e perguntou:

— A senhora deseja trocar de lugar comigo?

Dona Maria Rita se espantou com a delicadeza, disse que não, obrigada, para ela dava no mesmo. Mas parecia ter-se perturbado. Passou a mão sobre o camafeu filigranado de ouro, espetado no peito, passou a mão pelo broche. Seca. Ofendida? Perguntou afinal a Angela Pralini:

— É por causa de mim que a senhorita deseja trocar de lugar?

LISPECTOR, C. Onde estivestes de noite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 (fragmento).

A descoberta de experiências emocionais com base no cotidiano é recorrente na obra de Clarice Lispector. No fragmento, o narrador enfatiza o(a)

- a) comportamento vaidoso de mulheres de condição social privilegiada.

- b) anulação das diferenças sociais no espaço público de uma estação.
- c) incompatibilidade psicológica entre mulheres de gerações diferentes.
- d) constrangimento da aproximação formal de pessoas desconhecidas.
- e) sentimento de solidão alimentado pelo processo de envelhecimento.

Comentários

Alternativa “a”: incorreta. Mulheres de condições sociais diferentes, o que se pressupõe pela troca de lugar.

Alternativa “b”: incorreta. Pelo contrário: demarcação dessas desigualdades sociais.

Alternativa “c”: incorreta. Embora de classes diferentes, havia um diálogo entre elas.

Alternativa “d”: incorreta. A pergunta em “ofendida?” pressupõe uma técnica que deixa vago, solto no ar, se esse constrangimento ou não.

Alternativa “e”: correta – gabarito. Expressões como “Uma velha não pode comunicar-se” ou “Recebeu o beijo gelado de sua filha que foi embora”, assim como a última fala de Dona Maria Rita ao expressar surpresa perante o fato de alguém se interessar pelo seu conforto, sugere que o narrador pretende enfatizar o sentimento de solidão alimentado pelo processo de envelhecimento.

Gabarito: E

8. (ENEM - 2015)

Tudo era harmonioso, sólido, verdadeiro. No princípio. As mulheres, principalmente as mortas do álbum, eram maravilhosas. Os homens, mais maravilhosos ainda, ah, difícil encontrar família mais perfeita. A nossa família, dizia a bela voz de contralto da minha avó. Na nossa família, frisava, lançado em redor olhares complacentes, lamentando os que não faziam parte do nosso clã. [...]

Quando Margarida resolveu contar os podres todos que sabia naquela noite negra da rebelião, fiquei furiosa. [...]

É mentira, é mentira!, gritei tapando os ouvidos. Mas Margarida seguia em frente: tio Maximiliano se casou com a inglesa de cachos só por causa do dinheiro, não passava de um pilantra, a loirinha feiosa era riquíssima. Tia Consuelo? Ora, tia Consuelo chorava porque sentia falta de homem, ela queria homem e não Deus, ou o convento ou o sanatório. O dote era tão bom que o convento abriu-lhe as portas com loucura e tudo. “E tem mais coisas ainda, minha queridinha”, anunciou Margarida fazendo um agrado no meu queixo. Reagi com violência: uma agregada, uma cria e, ainda por cima, mestiça. Como ousava desmoralizar meus heróis?

TELLES, L. F. A estrutura da bolha de sabão. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Representante da ficção contemporânea, a prosa de Lygia Fagundes Telles configura e desconstrói modelos sociais. No trecho, a percepção do núcleo familiar descortina um(a)

- a) convivência frágil ligando pessoas financeiramente dependentes.
- b) tensa hierarquia familiar equilibrada graças à presença da matriarca.
- c) pacto de atitudes e valores mantidos à custa de ocultações e hipocrisias.

- d) tradicional conflito de gerações protagonizado pela narradora e seus tios.
- e) velada discriminação racial refletida na procura de casamentos com europeus.

Comentários

Alternativa “a”: incorreta. O caso mencionado é de uma relação pautada no interesse pelo dinheiro, ou casamento por conveniência.

Alternativa “b”: incorreta. As relações eram tensas, não podemos inferir sobre hierarquia nem matriarca.

Alternativa “c”: correta – gabarito. No excerto, a narradora exprime a sua revolta quando Margarida desconstrói a versão idealizada da família que a avó, orgulhosamente, pretendia transmitir aos que a ouviam. Ao invés de virtudes e de comportamento digno, são revelados os podres familiares, mantidos em segredo para manter as aparências. Assim, é correta a opção [C], pois o núcleo familiar afirma-se, hipocritamente, em um pacto de atitudes e valores mantidos à custa de ocultações e falsidades.

Alternativa “d”: incorreta. O conflito não é de gerações, mas sim comportamentais.

Alternativa “e”: incorreta. O casamento era por interesse financeiro, não racial.

Gabarito: C

9. (FGV - 2015)

Redundâncias

Ter medo da morte
é coisa dos vivos
o morto está livre
de tudo o que é vida

Ter apego ao mundo
é coisa dos vivos
para o morto não há
(não houve)
raios rios risos

E ninguém vive a morte
quer morto quer vivo
mera noção que existe
só enquanto existo
(Ferreira Gullar, Muitas vozes)

Em relação à oração – é coisa dos vivos –, os enunciados – Ter medo da morte – (1.ª estrofe) e – Ter apego ao mundo – (2.ª estrofe) exercem a função sintática de

- a) sujeito.
- b) predicativo do sujeito.
- c) objeto direto.
- d) adjunto adnominal.

e) complemento nominal.

Comentários: Os períodos a serem analisados são:

Ter medo da morte é coisa dos vivos

Oração principal: é coisa dos vivos

Oração subordinada: ter medo da morte

Essa oração é uma oração subordinada substantiva subjetiva, ou seja, exerce a função de **sujeito** em relação à principal. Se substituirmos a oração por um “isso”, teremos: **Isso** é coisa dos vivos.

Classificando-se todos os termos:

Sujeito: Ter medo da morte

Verbo: é (verbo de ligação)

Predicativo do sujeito (coisa dos vivos)

O mesmo ocorre na outra oração destacada:

Ter apego ao mundo é coisa dos vivos

Oração principal: é coisa dos vivos

Oração subordinada: Ter apego ao mundo

Essa oração é uma oração subordinada substantiva subjetiva, ou seja, exerce a função de **sujeito** em relação à principal. Se substituirmos a oração por um “isso”, teremos: **Isso** é coisa dos vivos.

Classificando-se todos os termos:

Sujeito: Ter apego ao mundo

Verbo: é (verbo de ligação)

Predicativo do sujeito (coisa dos vivos)

Portanto, as orações exercem ambas a função de sujeito da oração.

Gabarito: A

10. (FUVEST - 2011)

Leia o seguinte texto:

¹Era o que ele estudava. “A estrutura, quer dizer, a estrutura” – ele repetia e abria as mãos branquíssimas ao esboçar o gesto redondo. Eu ficava olhando seu gesto impreciso porque uma bolha de sabão é mesmo imprecisa, nem sólida nem líquida, nem realidade nem sonho. Película e oco. “A estrutura da bolha de sabão, compreende?” Não compreendia. Não tinha importância.

⁵Importante era o quintal da minha meninice com seus verdes canudos de mamoeiro, quando cortava os mais tenros que sopravam as bolas maiores, mais perfeitas.

Lygia Fagundes Telles, **A estrutura da bolha de sabão**, 1973.

A “estrutura” da bolha de sabão é consequência das propriedades físicas e químicas dos seus componentes. As cores observadas nas bolhas resultam da interferência que ocorre entre os raios luminosos refletidos em suas superfícies interna e externa.

Considere as afirmações abaixo sobre o início do conto de Lygia Fagundes Telles e sobre a bolha de sabão:

I. O excerto recorre, logo em suas primeiras linhas, a um procedimento de coesão textual em que pronomes pessoais são utilizados antes da apresentação de seus referentes, gerando expectativa na leitura.

II. Os principais fatores que permitem a existência da bolha são a força de tensão superficial do líquido e a presença do sabão, que reage com as impurezas da água, formando a sua película visível.

III. A ótica geométrica pode explicar o aparecimento de cores na bolha de sabão, já que esse fenômeno não é consequência da natureza ondulatória da luz.

Está correto apenas o que se afirma em

- a) I.
- b) I e II.
- c) I e III.
- d) II e III.
- e) III.

Comentários

I: correta. Os pronomes “ele” e “eu” são mencionados antes dos referentes. Ou seja, “ele” se liga à pessoa que explicava as propriedades físicas e químicas da estrutura da bolha de sabão e o próprio narrador se exprime na primeira pessoa, com expressões como “Eu ficava olhando (...)” (L. 2) e “minha meninice” (L. 5).

II: incorreta. Sem entrar no mérito da explicação científica, pode-se inferir que, se a reação das impurezas da água com o sabão fosse a responsável pela formação da bolha, esta não aconteceria com água limpa.

III: incorreta. Não é a ótica geométrica que estuda a interferência da luz sobre os objetos, mas sim a ótica física. Atenção: trata-se de uma **questão interdisciplinar**.

Gabarito: A

11. (FUVEST - 2001)

¹Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
⁵não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazem-nos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
¹⁰nem é preciso esperar

pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear.

(João Cabral de Melo Neto, **Morte e Vida Severina**).

Nos versos acima, a personagem da “rezadora” fala das vantagens de sua profissão e de outras semelhantes. A sequência de imagens neles presente tem como pressuposto imediato a ideia de:

- a) técnicas agrícolas adequadas ao sertão.
- b) dificuldade de plantio na seca.
- c) sepultamento dos mortos.
- d) necessidade de melhores contratos de trabalho.
- e) escassez de mão de obra no sertão.

Comentários

Aqui, trata-se de uma questão sobre “pressuposto”, como é cobrado no enunciado. Não é necessário ter lido o poema inteiro para gabaritar a questão. Por exemplo, se no enunciado é dito que “nos versos acima, a personagem da ‘rezadora’ fala das vantagens de sua profissão e de outras semelhantes”, acreditem, pois é isso mesmo, trata-se de uma afirmação.

Em relação à alternativa “b”, não pode se dizer que este trabalho é difícil, pois no quarto verso (L. 4), “simples questão de plantar”, é-nos revelado que o trabalho é simples, quase como se ele se fizesse por ele mesmo, sem dificuldade, sendo que a alternativa “b” sugere o oposto, que haveria dificuldade.

No caso da alternativa “c”, ainda que ela sugira o conhecimento de matérias que ainda não vimos, poderíamos gabaritá-la ainda sim sem esse conhecimento. Trata-se da figura de linguagem da **metáfora**, isto é, transferência, translação, transporte (MOISÉS, 2013, p. 290), e ainda comparação, ou um símile comprimido (TAVARES, 2002, p. 368). Aqui, no caso, você não precisaria saber o nome específico ou técnico dessa figura de linguagem em particular; bastava apenas que vocês identificassem que se trata de uma relação de correspondência, entre o ato de cultivar – jogar uma semente no chão – e o ato de enterrar um defunto, o que nos faz assinalar a alternativa “c”.

As alternativas “d” e “e” não procedem: termos como “contratos” e “mão de obra” forçaria um viés mercadológico, consumista ao poema, o que não procede. A princípio, contentem-se com a explicação básica de que viés significa direção oblíqua; porém, iremos estudar isso com mais profundidade em aulas futuras. Se soubéssemos de antemão que se tratava de uma metáfora, também poderíamos responder com mais facilidade: a relação consiste numa correspondência direta, e não oblíqua.

Gabarito: C

12. (FUVEST - 2006)

Ele se aproximou e com voz cantante de nordestino que a emocionou, perguntou-lhe:

– E se me desculpe, senhorinha, posso convidar a passear?

– Sim, respondeu atabalhoadamente com pressa antes que ele mudasse de ideia.



- E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?
- Macabéa.
- Maca – o quê?
- Bea, foi ela obrigada a completar.
- Me desculpe mas até parece doença, doença de pele.
- Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo – parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor – pois como o senhor vê eu vinguei... pois é...
- Também no sertão da Paraíba promessa é questão de grande dívida de honra.

Eles não sabiam como se passeia. Andaram sob a chuva grossa e pararam diante da vitrine de uma loja de ferragem onde estavam expostos atrás do vidro canos, latas, parafusos grandes e pregos. E Macabéa, com medo de que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém-namorado:

- Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?

Da segunda vez em que se encontraram caía uma chuva fininha que ensopava os ossos. Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva que na cara de Macabéa parecia lágrimas escorrendo.

Clarice Lispector, **A hora da estrela**.

Neste excerto, as falas de Olímpico e Macabéa

- a) aproximam-se do cômico, mas, no âmbito do livro, evidenciam a oposição cultural entre a mulher nordestina e o homem do sul do País.
- b) demonstram a incapacidade de expressão verbal das personagens, reflexo da privação econômica de que são vítimas.
- c) beiram às vezes o absurdo, mas, no contexto da obra, adquirem um sentido de humor e sátira social.
- d) registram, com sentimentalismo, o eterno conflito que opõe os princípios antagônicos do Bem e do Mal.
- e) suprimem, por seu caráter ridículo, a percepção do desamparo social e existencial das personagens.

Comentários

Alternativa “a”: incorreta. Não saber o que falar nem se expressar, dizer que gosta de parafuso e prego, é uma situação humana trágica, e não cômica, se bem que nesta obra há vários veios tragicômicos e a junção dos dois, como poderia ser considerado esse trecho. Porém, não há oposição, pois Olímpio não é homem do sul, mas nordestino como Macabéa.

Alternativa “b”: incorreta. A incapacidade verbal não é exatamente reflexo do meio econômico, mas todo um meio maior, social, cultural, geográfico.

Alternativa “c”: correta – gabarito. Eis a definição do **tragicômico**, o melodrama que a autora destaca no livro.

Alternativa “d”: incorreta. A obra é filosófica, mas o antagonismo entre Bem e Mal não é o seu foco. A obra não é sentimentalista, pois é moderna, e essa é uma característica do movimento literário do Romantismo.

Alternativa “e”: incorreta. O desamparo e a crise existencial são profundos no livro, em nenhum momento são suprimidos.

Gabarito: C

13. (ITA - 2015)

O poema abaixo, de João Cabral de Melo Neto, integra o livro *A escola das facas*.

A voz do canavial

Voz sem saliva da cigarra,
do papel seco que se amassa,

de quando se dobra o jornal:
assim canta o canavial,

ao vento que por suas folhas,
de navalha a navalha, soa,

vento que o dia e a noite toda
o folheia, e nele se esfolia.

Sobre o poema, é INCORRETO afirmar que a descrição

- a) compara o som das folhas do canavial com o da cigarra.
- b) põe em relevo a rusticidade da plantação de cana de açúcar.
- c) destaca o som do vento que passa pela plantação.
- d) associa o som do canavial com o amassar das folhas de papel.
- e) faz do vento a navalha que corta o canavial.

Comentários: Não há referências no poema a uma rusticidade do canavial, mas sim aos sons que partem dele. Por isso, a alternativa incorreta é alternativa B.

A alternativa A não apresenta incorreções, pois se lermos o poema de modo linear, já que ele é constituído por apenas um período, teremos “Voz sem saliva da cigarra, do papel seco que se amassa, de quando se dobra o jornal: assim canta o canavial”. Assim, fica fácil perceber que o poeta trata a voz da cigarra como o canto do canavial.

A alternativa C não apresenta incorreções, pois as últimas duas estrofes do poema citam o contato do vento com o canavial, destacando o som que ele produz.

A alternativa D não apresenta incorreções, pois no segundo verso aparece essa associação em: “do papel seco que se amassa”, seguida de “assim canta o canavial”.

A alternativa E não apresenta incorreções, pois na última estrofe fica explícita a relação metafórica de que o vento é a navalha que corta o canavial.

Gabarito: B

14. (ITA - 2015)

O poema abaixo, de Alice Ruiz, faz parte do livro *Jardim de Haijin*.

passeio no Ibirapuera
uma cerejeira florida



interrompe a conversa

No texto, NÃO há

- a) sentimento de amor pela natureza, exacerbado e de raiz romântica.
- b) emoção estética despertada pela vegetação naquele que passeia.
- c) descrição de parte da flora que integra o parque do Ibirapuera.
- d) surpresa, durante o passeio pelo parque, causada por uma beleza inesperada.
- e) referência a um local específico, o parque situado na cidade de São Paulo.

Comentários: Pelo que está escrito no texto, não é possível afirmar que a autora tenha um sentimento amoroso em relação à natureza, tampouco que esse sentimento seja de raiz romântica, já que não há idealização da natureza. Por isso, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois o ato de interromper a conversa ao ver a cerejeira indica que a natureza gera uma emoção no eu lírico, que interrompe o passeio para visualizar o que está ocorrendo.

A alternativa C está incorreta, pois é possível saber que há cerejeiras no parque do Ibirapuera, portanto, há descrição de parte da flora do parque.

A alternativa D está incorreta, pois há surpresa no fato da conversa ser interrompida para observar a beleza da natureza.

A alternativa E está incorreta, pois há de fato referência a um local específico, que é o parque do Ibirapuera em São Paulo.

Gabarito: A

15. (ITA - 2011)

Considere o poema abaixo, “A cantiga”, de Adélia Prado:

“Ai cigana ciganinha,
ciganinha, meu amor”.

Quando escutei essa cantiga

era hora do almoço, há muitos anos.

A voz da mulher cantando vinha de uma cozinha,

ai ciganinha, a voz de bambu rachado

continua tinindo, esganiçada, linda,

viaja pra dentro de mim, o meu ouvido cada vez melhor.

Canta, canta, mulher, vai polindo o cristal,

canta mais, canta que eu acho minha mãe,

meu vestido estampado, meu pai tirando boia da panela,

canta que eu acho minha vida.

(Em: *Bagagem*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.)

Acerca desse poema, é INCORRETO afirmar que

- a) a poeta tem consciência de que seu passado é irremediavelmente perdido.
- b) existe um tom nostálgico, e um saudosismo de raiz romântica.
- c) a cantiga faz com que a poeta reviva uma série de lembranças afetivas.
- d) predomina o tom confessional e o caráter autobiográfico.
- e) valoriza os elementos da cultura popular, também uma herança romântica.

Comentários: No poema, através da canção, a poetisa afirma ser capaz de reencontrar a mãe, o vestido estampado, o pai e “minha vida”. Portanto, seu passado não está irremediavelmente perdido. Ele pode ser retomado a partir do contato com a canção. Por isso, a alternativa incorreta é alternativa A.

A alternativa B não apresenta incorreções, pois ao retomar seu passado e a relação que ela tinha com a cantiga e seu cotidiano, imprime-se um tom de nostalgia e saudosismo ao poema.

A alternativa C não apresenta incorreções, pois através da cantiga, a poetisa revive elementos de seu passado, como expresso nos três últimos versos.

A alternativa D não apresenta incorreções, pois por ser escrito em primeira pessoa e tratar de lembranças do passado, fica claro o tom confessional e o caráter autobiográfico.

A alternativa E não apresenta incorreções, pois ao dar valor à cantiga, um elemento da cultura popular, valoriza por consequência elementos populares.

Gabarito: A

16. (ITA - 2011)

Considere o poema abaixo, de Ronaldo Azeredo:



Esse texto

- I. explora a organização visual das palavras sobre a página.
- II. põe ênfase apenas na forma e não no conteúdo da mensagem.
- III. pode ser lido não apenas na sequência horizontal das linhas.
- IV. não apresenta preocupação social.

Estão corretas

- a) I e II.
- b) I, II e III.
- c) I e III.
- d) II e IV.
- e) todas.

Comentários:

O item I. está correto, pois a palavra “velocidade” vai se materializando aos poucos, como se estivesse entrando na folha. Assim, a organização visual das letras é importante para a compreensão do poema.

O item II. está incorreto, pois a ideia de velocidade tem a ver com os conceitos do futurismo, movimento que inspira a poesia concreta.

LEMBRE-SE: A organização visual chamativa é uma característica da poesia concreta.

O item III. está correto, pois é possível ler o poema na vertical também, de cima para baixo, sem prejuízo de seu significado.

O item IV. está incorreto, pois a denúncia do tema da “velocidade” é comum aos escritores modernistas, que se preocupam com o aceleração da vida no século XX.

Gabarito: C

17. (ITA - 2010)

Na obra *Quaderna* (1960), João Cabral de Melo Neto incluiu um conjunto de textos, intitulado “Poemas da cabra”, cujo tema é o papel desse animal no universo social e cultural nordestino. Um desses poemas é reproduzido abaixo:

Um núcleo de cabra é visível
por debaixo de muitas coisas.
Com a natureza da cabra
Outras aprendem sua crosta.

Um núcleo de cabra é visível
em certos atributos roucos
que têm as coisas obrigadas
a fazer de seu corpo couro.

A fazer de seu couro sola.
a armar-se em couraças, escamas:
como se dá com certas coisas
e muitas condições humanas.

Os jumentos são animais
que muito aprenderam da cabra.
O nordestino, convivendo-a,
fez-se de sua mesma casta.

Acerca desse poema, NÃO se pode afirmar que:

- a) o poeta vê a cabra como um animal forte e que influencia outros seres que vivem em condições adversas.
- b) aquilo que a cabra parece ensinar aos demais seres é a resignação e a paciência diante da adversidade.
- c) a cabra oferece uma espécie de modelo comportamental para aqueles que precisam ser fortes para enfrentar uma vida dura.
- d) a cabra é um animal resistente ao meio hostil em que vive, assim como outros animais também o são, como o jumento.
- e) há no poema uma aproximação entre a cabra e o homem nordestino, pois ambos são fortes e resistentes.

Comentários: Não há no poema referências à ideia de “resignação” ou de “paciência”. Pelo contrário, há uma referência a “a armar-se em couraças, escamas”, ou seja, colocar uma armadura, o que costuma significar embate. Por isso, a alternativa incorreta é alternativa B.

A alternativa A não apresenta incorreções, pois o poeta de fato apresenta a cabra como um animal forte que “arma-se em couraças” e com quem “outras naturezas aprendem”, pois espelhando-se em seu comportamento, os homens podem aprender.

A alternativa C não apresenta incorreções, pois no trecho “O nordestino, convivendo-a, / fez-se de sua mesma casta” fica claro que o homem aprendeu com a cabra como se comportar diante de certas situações: armando-se.

A alternativa D não apresenta incorreções, pois no poema, há comparação entre a cabra e o jumento em “Os jumentos são animais / que muito aprenderam da cabra”.

A alternativa E não apresenta incorreções, pois, assim como na alternativa C, o trecho “O nordestino, convivendo-a, / fez-se de sua mesma casta” comprova a relação entre o homem e a cabra.

Gabarito: B

18. (ITA - 2010)

O poema abaixo faz parte da obra Livro sobre nada (1996), de Manoel de Barros:

A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá
mas não pode medir seus encantos.

A ciência não pode calcular quantos cavalos de força
existem
nos encantos de um sabiá.

Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare.

Os sabiás divinam.

É certo dizer que estamos diante de um poema

- a) que mostra que o estudo dos sabiás tem mais a ver com adivinhação do que com informação.
- b) no qual o autor mostra que a ciência é muito limitada para entender a anatomia do sabiá.
- c) segundo o qual a ciência consegue entender a anatomia do sabiá, mas não explicar por que ele nos encanta.
- d) que mostra que há mistérios na natureza que a ciência tenta desvendar, como o encanto de um sabiá.
- e) que afirma ser impossível um saber acerca do sabiá.

Comentários: Na primeira estrofe do poema fica explícito que “ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá / mas não pode medir seus encantos”. Portanto, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois o poeta afirma que a ciência é capaz de estudar o sabiá em diversos aspectos. O que fica à cargo da emoção é o porquê dele nos encantar.

A alternativa B está incorreta, pois ele afirma no primeiro verso que “ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá”.

A alternativa D está incorreta, pois o poema não afirma que compreender a razão do encanto do sabiá seja uma função da ciência, tampouco sua pretensão.

A alternativa E está incorreta, pois há saberes, os científicos, que é possível nomear. O que não se pode ter é o saber acerca do seu encantamento sobre nós.

Gabarito: C**19. (ITA - 2010)**

No último livro que publicou em vida, Teia (1996), a escritora Orides Fontela escreveu o poema abaixo.

João

I

De barro
o operário
e a casa

(de barro
o nome
e a obra).

II

O pássaro-operário
madruga:

construir a
casa
construir
o canto

ganhar – construir –
o dia.

III

O pássaro
faz o seu
trabalho
e o trabalho faz
o pássaro.

IV

O duro
impuro
labor: construir-se.

V

O canto é anterior
ao pássaro



a casa é anterior
ao barro

O nome é anterior
à vida.

Podemos afirmar que:

- I. nem a parte I nem a II indicam que o pássaro “joão-de-barro” pode ser visto como metáfora de um determinado tipo social.
- II. apenas a parte III sugere que o trabalho feito pelo joão-de-barro aproxima-se daquele feito por um operário.
- III. o poema, em seu todo, aproxima metaforicamente o “joão-de-barro” de um trabalhador brasileiro (um “João”, como o título indica).
- IV. como no caso do pássaro, também para o operário vale a ideia de que o homem faz o trabalho e o trabalho faz o homem.

Estão corretas apenas as afirmações:

- a) I e III.
- b) I e IV.
- c) II e III.
- d) II e IV.
- e) III e IV.

Comentários:

A afirmação I está incorreta, pois o termo “operário”, presente nas estrofes I e II, pode fazer referência tanto à característica de trabalhador do pássaro quanto ao próprio trabalhador da construção civil.

A afirmação II está incorreta, pois a comparação com o trabalhador braçal permeia todo o poema, não apenas a terceira estrofe.

A afirmação III está correta, pois o poeta soma o nome “João”, muito comum no Brasil, com a condição de trabalhador braçal, operário, outra profissão bastante comum no Brasil.

A afirmação IV está correta, pois a estrofe IV fica evidente que construir a si próprio, representado pela forma reflexiva “construir-se” é associado ao “duro, impuro labor”.

Gabarito: E

20. (ITA - 2009)

Leia o poema abaixo, “Na contramão”, de Chacal.

ela ali tão sem
eu aqui sem chão
nós assim ninguém
cada um na mão

Acerca desse poema, considere as seguintes afirmações:

- I. Ele possui uma das marcas mais típicas da poesia contemporânea, que é a brevidade.
- II. É notória a informalidade da linguagem, que afasta o poema da tradição culta e erudita.
- III. Há um sentimentalismo contemporâneo que filtra os excessos da expressão sentimental.

IV. Existe a persistência do tema do desencontro amoroso (tradicional na literatura).

Está(ão) correta(s)

- a) apenas a I.
- b) apenas I e II.
- c) apenas I, II e III.
- d) apenas III e IV.
- e) todas.

Comentários:

O item I. está correto, pois a brevidade das formas é de fato um traço da poesia contemporânea.

O item II. está correto, pois há traços de linguagem coloquial no poema, como na expressão “na mão”.

O item III. está correto, pois o contemporâneo de fato é um momento de dificuldade na expressão dos sentimentos nas relações interpessoais.

O item IV. está correto, pois o desencontro amoroso nesse poema fica evidente em “ela ali” e “eu aqui”, na oposição dos pronomes demonstrativos.

Gabarito: E

21. (IME - 2016)

SOLUÇÃO

João Paiva

Eu quero uma solução
homogênea, preparada,
coisa certa, controlada
para ter tudo na mão.
Solução para questão
que não ousa resolver.
Diluída num balão
elixir pra me entreter.
Faço centrifugação
para ter ar uniforme
uso varinha conforme,
seja mágica ou não.
Busco uma solução
tudo lindo, direitinho
eu quero ter tudo certinho
ter o mundo nesta mão.
Procurro mistura,
então aqueço tudo em cadinho.
E vejo não ter solução
mas apenas um caminho...

PAIVA, João. Quase poesia, quase química. Disponível em: <<http://www.spq.pt/files/docs/boletim/poesia/quase-poesia-quase-quimica-jpaiva2012.pdf>> Acesso em: 22/04/2015

Sobre o texto podemos inferir que



- I. o autor do texto nos traz uma mensagem altamente negativa e pessimista do fazer científico.
- II. o vocábulo que confere título ao texto pode ter o mesmo valor semântico no primeiro e quinto versos, o que confirma a intenção do cientista em “para ter tudo na mão” (verso 4).
- III. o cientista falha quando não encontra meios em seu trabalho cotidiano para solucionar, com extrema precisão, tudo o que lhe vier às mãos para fazer.

Marque a opção correta:

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) II e III
- d) III apenas.
- e) nenhuma das alternativas.

Comentários:

A afirmação I está incorreta, pois não é possível atribuir juízo de valor ao que o autor disse, já que ele apenas realiza uma descrição do método científico.

A afirmação II está correta, pois “solução”, aqui, não é empregada no sentido da química (composto homogêneo), mas sim como “resolução de problemas”. Portanto, o autor brinca com a polissemia da palavra “solução”, utilizando também termos relacionados à química, para falar sobre a solução de problemas.

A afirmação III está incorreta, pois não se pode dizer que o cientista falha, já que ele afirma que, apesar de não haver “solução”, há um caminho.

Gabarito: B

Texto para as próximas questões

Poesia Matemática

Millôr Fernandes

- 1 Às folhas tantas
- 2 do livro matemático
- 3 um Quociente apaixonou-se
- 4 um dia
- 5 doidamente
- 6 por uma Incógnita.
- 7 Olhou-a com seu olhar inumerável
- 8 e viu-a do ápice __ base
- 9 uma figura ímpar;
- 10 olhos romboides, boca trapezoide,
- 11 corpo retangular, seios esferoides.
- 12 Fez de sua uma vida
- 13 paralela à dela
- 14 até que se encontraram
- 15 no infinito.
- 16 "Quem és tu?", indagou ele
- 17 em ânsia radical.



18 "Sou a soma do quadrado dos catetos.
19 Mas pode me chamar de Hipotenusa."
20 E de falarem descobriram que eram
21 (o que em aritmética corresponde
22 a almas irmãs)
23 primos entre si.
24 E assim se amaram
25 ao quadrado da velocidade da luz
26 numa sexta potenciação
27 traçando
28 ao sabor do momento
29 e da paixão
30 retas, curvas, círculos e linhas senoidais
31 nos jardins da quarta dimensão.
32 Escandalizaram os ortodoxos das fórmulas euclidiana
33 e os exegetas do Universo Finito.
34 Romperam convenções newtonianas e pitagóricas.
35 E enfim resolveram se casar
36 constituir um lar,
37 mais que um lar,
38 um perpendicular.
39 Convidaram para padrinhos
40 o Poliedro e a Bissetriz.
41 E fizeram planos, equações e diagramas para o futuro
42 sonhando com uma felicidade
43 integral e diferencial.
44 E se casaram e tiveram uma secante e três cones
45 muito engraçadinhos.
46 E foram felizes
47 até aquele dia
48 em que tudo vira afinal
49 monotonia.
50 Foi então que surgiu
51 O Máximo Divisor Comum
52 frequentador de círculos concêntricos,
53 viciosos.
54 Ofereceu-lhe, a ela,
55 uma grandeza absoluta
56 e reduziu-a a um denominador comum.
57 Ele, Quociente, percebeu
58 que com ela não formava mais um todo,
59 uma unidade.
60 Era o triângulo,
61 tanto chamado amoroso.

- 62 Desse problema ela era uma fração,
63 a mais ordinária.
64 Mas foi então que Einstein descobriu a Relatividade
65 e tudo que era espúrio passou a ser
66 moralidade
67 como aliás em qualquer
68 sociedade

RELEITURAS. *Poesia matemática.* Disponível em: <
http://www.releituras.com/millor_poesia.asp>. Acesso em 09/05/2013.

22. (IME - 2014)

A repetição da conjunção “e” nos versos 41, 44 e 46 do texto revela um traço estilístico que

- dá uma ideia de ênfase à sequência de ações do casal.
- dá uma ideia de monotonia aos acontecimentos.
- dá uma ideia de confusão à sequência de ações do casal.
- ajuda a prever o desfecho da separação anunciada ao final.
- deixa perceber a que movimento literário se filia o autor do texto.

Comentários: A repetição do conectivo “e” é comumente empregada para passar a ideia de sucessão de fatos, progressão temporal. Por isso, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois não há, nesse momento, a noção de monotonia. O casal ainda está no início da relação, fazendo seus planos.

A alternativa C está incorreta, pois as ações estão bastante ordenadas nesse trecho, inclusive em ordem cronológica.

A alternativa D está incorreta, pois o indicativo de que as coisas vão acabar mal está no uso do conectivo “até” em “até aquele dia / em que tudo vira afinal / monotonia”, não na sucessão dos “e”.

A alternativa E está incorreta, pois essa é uma figura de linguagem que pode ser utilizada em diversos momentos, por diversos movimentos. Não se refere a uma época específica.

Gabarito: A

23. (IME - 2014)

Leia atentamente as assertivas a seguir, todas referentes ao texto desta prova

- A partir de conceitos matemáticos construiu-se uma narrativa poética em terceira pessoa cujo tema é a traição numa relação amorosa.
- O adjetivo **ordinária** (V. 63) está carregado de um tom moralizante e deixa entrever um juízo de valor relativo ao comportamento feminino no relacionamento entre a Hipotenusa e o Quociente.
- É coerente com o tom moralizante da Poesia Matemática associar o nome dado ao elemento masculino da relação amorosa narrada, Quociente, ao adjetivo consciente, isto é, aquele que faz uso da razão.
- A quebra de paradigmas científicos requerida pela Teoria da Relatividade einsteiniana é associada, à quebra de paradigmas morais nas sociedades modernas.

Dentre as afirmativas acima

- apenas a I e a II estão corretas.
- apenas a II e a III estão corretas.

- c) apenas a III está correta.
- d) apenas a III e a IV estão corretas.
- e) todas estão corretas.

Comentários:

A afirmação I. está correta, pois essa é de fato a descrição do texto, o que pode-se comprovar pela observação de trechos do poema:

Conceitos matemáticos: “quociente”, “incógnita”, “ímpar”, “paralela”, “infinito” etc.

Narrativa em 3ª pessoa: “Quem és tu?”, indagou ele / em ânsia radical.

Traição numa relação amorosa: “Ele, Quociente, percebeu / que com ela não formava mais um todo, / uma unidade. / Era o triângulo, / tanto chamado amoroso.”

A afirmação II. está correta, pois há uma brincadeira com a polissemia de “ordinária”: como fração ordinária (aquela em que o numerador da fração é um número inteiro) e pessoa ordinária (pessoa de comportamento reprovável moralmente).

A afirmação III. está correta, pois o poeta brinca com o som de “quociente” e “consciente”. Então o “quociente” é aquele que detém a razão, a consciência.

A afirmação IV. está correta, pois o poeta faz uso do conceito comum de “relatividade”, em que “tudo é relativo”. Assim, aquilo que era um conceito moral sólido, já não é mais, pois agora tudo é relativo.

Gabarito: E

24. (UERJ - 2019)

Tempo Rei

Não me iludo
Tudo permanecerá do jeito
Que tem sido
Transcorrendo, transformando
Tempo e espaço navegando todos os sentidos

(...)

Tempo Rei, ó Tempo Rei, ó Tempo Rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinaí-me, ó Pai, o que eu ainda não sei
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei

Pensamento, mesmo fundamento singular
Do ser humano, de um momento para o outro
Poderá não mais fundar nem gregos nem baianos

Mães zelosas, pais corujas
Vejam como as águas de repente ficam sujas
Não se iludam, não me iludo
Tudo agora mesmo pode estar por um segundo

Tempo Rei, ó Tempo Rei, ó Tempo Rei

(...)

GILBERTO GIL, letras.com.br

O tempo, além de relacionado aos fenômenos naturais, é também condicionador das vidas humanas.

Na letra da canção de Gilberto Gil, a dimensão do tempo histórico destacada é denominada:

- a) evolução
- b) aceleração
- c) linearidade
- d) descontinuidade

Comentários: A passagem do tempo, para a música, causa transformações na vida humana. A principal questão levantada é a descontinuidade, pois como diz o verso “Vejam como as águas de repente ficam sujas”, aquilo que uma hora se mostrava de um jeito, logo pode se modificar. A alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois não aparece a noção de evolução, ou seja, de mudança gradual e permanente, vista popularmente como uma mudança de um estado para outro melhor, no poema.

A alternativa B está incorreta, pois a noção de mudança que o tempo promove não está necessariamente ligada à rapidez. Algumas coisas, segundo o poema, vão se “transformando”, o que indica uma ação que transcorre em determinado tempo.

A alternativa C está incorreta, pois o tempo não obedece a uma ordem linear, podendo ocorrer fatos inesperados que modifiquem a direção que se seguia até então.

Gabarito: D

25. (Insper - 2014) adaptada

Canção do exílio

Gonçalves Dias

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá,
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, à noite –
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Cinco estrelas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Coleção Literatura em Minha Casa.

Lisboa: aventuras

tomei um expresso
cheguei de foguete
subi num bonde
desci de um elétrico
pedi cafezinho
serviram-me uma bica
quis comprar meias
só vendiam peúgas
fui dar à descarga
disparei um autoclisma
gritei "ó cara!"
responderam-me "ó pái!"
positivamente
as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá

(José Paulo Paes, A poesia está morta, mas juro que não fui eu. São Paulo: Duas Cidades, 1998)

A respeito da referência intertextual presente no poema, é correto afirmar que

- a) os advérbios “aqui” e “lá”, diferentemente do que ocorre nos versos originais de Gonçalves Dias, apontam para um espaço geográfico idealizado.
- b) José Paulo Paes ironiza a tese da unificação da língua portuguesa arduamente defendida por Gonçalves Dias em seu poema.
- c) ao transcrever os versos da “Canção do Exílio” em seu poema, José Paulo Paes reproduz, com fidelidade, o sentimento de patriotismo expresso por Gonçalves Dias.
- d) a disposição gráfica dos versos simula um debate entre os poetas José Paulo Paes e Gonçalves Dias, no qual o escritor romântico tem a palavra final.
- e) na releitura proposta por José Paulo Paes, as aves podem simbolizar os falantes do português, e os gorjeios, as variantes regionais.

Comentários: José Paulo Paes faz uma intertextualidade com o poema de Gonçalves Dias, citando-o textualmente. Paes, porém, cria uma associação: as aves são as pessoas e os gorjeios são as expressões que variam do português de Portugal para o do Brasil. Por isso, a alternativa correta é alternativa E. A alternativa A está incorreta, pois “aqui” e “lá” compõe o par de opostos do poema de Gonçalves Dias que indica o espaço geográfico idealizado (a minha terra) e o que se encontra nesse momento. A alternativa B está incorreta, pois não há ideia de unificação da língua portuguesa no poema de Gonçalves Dias.

A alternativa C está incorreta, pois o sentimento do poema de José Paulo Paes é uma ironia com as diferenças do português, não uma afirmação nacionalista.

A alternativa D está incorreta, pois não há indicativo de diálogo no poema de José Paulo Paes, mas sim de comentários do eu lírico com ele próprio.

Gabarito: E

5 – Referências

BARBOSA, Pe. A. Lemos. Pequeno Vocabulário Tupi-Português. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951.
BENEDETTI, Nildo Maximo. Sagarana: o Brasil de Guimarães Rosa. São Paulo: Hedra, 2010.
CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.
ROSA, Guimarães. Sagarana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo: Companhia das letras, 1982.
COELHO, Nelly Novaes. O ensino da literatura. São Paulo: José Olympio, 1973.
COSTA, Angela Marques e SCHWARCZ, Lilia. 1890 – 1914: No tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
PASCOALIN & SPADOTO. Gramática: teoria e exercícios. São Paulo, FTD, 1996.

Considerações finais

Querido aluno,

Chegamos ao fim do nosso curso de Literatura para o ITA!

Espero que tenha sido proveitoso para você e que ajude você na hora da sua prova e desse momento tão importante.

A partir de agora, vamos nos dedicar às obras de leitura obrigatória para o ITA esse ano.

Qualquer dúvida estou à disposição no fórum, e-mail ou Instagram!

Boa prova e bons estudos!

Prof.ª Celina Gil



Professora Celina Gil



@professoracelinagil

Versão
1

Data
08/07/2021

Modificações
Primeira versão do texto.